



A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

QUARTA-FEIRA
1 DE DEZEMBRO DE 2004
GRATUITO
ANO XIV
EDIÇÃO Nº123

LISTA R AVANÇA EM PRIMEIRO LUGAR PARA SEGUNDA VOLTA DE ELEIÇÕES

Cerca de 600 votos separaram as duas listas com melhores resultados.

A lista R, de Fernando Gonçalves, e a lista S, de Claudio Schulz, voltam a enfrentar-se nas urnas segunda e terça-feira. **Pág. 2**

FRANCISCA MOREIRA



Nova faculdade de Desporto para 2008

Depois de vários anos a funcionar em instalações sem as condições necessárias, a faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física aguarda agora a construção de um complexo próprio no Pólo II da universidade. Os trabalhos devem começar em 2006 e estar concluídos em 2008. A estrutura será o maior pólo desportivo da região Centro. **PÁG. 5**

Tribunal dá razão a estudantes quanto a votação por correspondência

PÁG. 6

Foto-reportagem

Lojas onde o tempo não passa

PÁGS. 10 E 11

File Edit View Go Bookmarks Tools Help

http://www.acabra.net

Não sabes o que se passa à tua volta? Há duas soluções:

- 1) Compra uns óculos
- 2) Lê **ACABRA.NET**

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

SUMÁRIO

Destaque	2	Tema	10
Opinião	4	Ciência	12
Ensino Superior	5	Desporto	13
Cidade	7	Cultura	15
Nacional	8	Estórias	17
Internacional	9	ArtesFeitas	18

2 DESTAQUE: ELEIÇÕES AAC

Lista R vence primeira volta

Fernando Gonçalves e Cláudio Schulz voltam a defrontar-se na próxima semana

Só perto das sete horas da madrugada de hoje se conheceram os resultados finais para as eleições dos órgãos gerentes da Associação Académica de Coimbra (AAC). Com nenhuma das quatro listas candidatas a conseguir a maioria absoluta, a academia volta às urnas já nas próximas segunda e terça-feira. Em escrutínio vão estar agora a lista R, encabeçada por Fernando Guterres, e a lista S, liderada por Cláudio Schulz

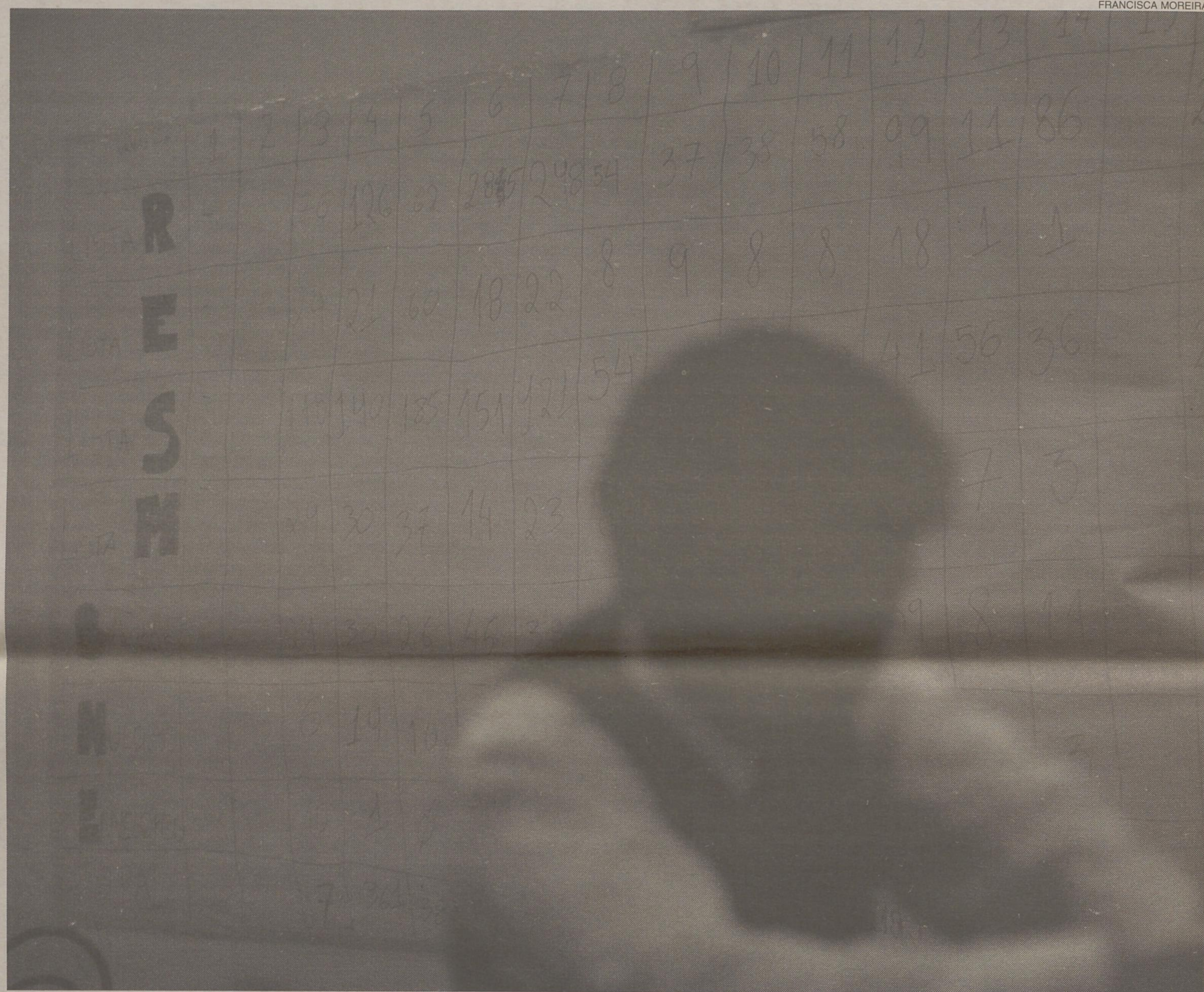
Margarida Matos
Carina Valério

A vencedora deste processo eleitoral foi a lista R com 3464 votos contra os 2882 do projecto S. À lista R, liderada pelo estudante de Direito Fernando Gonçalves faltaram apenas cerca de 600 votos para conseguir obter a maioria absoluta e, assim, evitar a segunda volta.

De fora da segunda ronda ficaram a lista M, resultante do movimento Muda AAC, que conquistou 419 votos, e lista E, de Cátia Almeida, com apenas 316 votos.

Dos resultados oficiais fornecidos pela Comissão Eleitoral, o destaque vai para a vitória expressiva da lista R nas faculdades de Direito, Farmácia, Medicina e Psicologia. Já a lista S conquistou a preferência das faculdades de Letras e Economia. Cátia Almeida e Renato Teixeira não conseguiram nenhuma faculdade.

Fernando Gonçalves considera que “este resultado foi uma grande



A lista R conseguiu uma vantagem de quase 600 votos no escrutínio desta madrugada

surpresa na medida em que o Cláudio Schulz assumiu-se como a candidatura da continuidade e, analisando os anos anteriores, poderia por esse facto partir com alguma vantagem”. Contudo, o candidato da lista R não deu a vitória por garantida: “A primeira grande prova de que é possível a Academia estar mobiliza-

da foi dada neste processo eleitoral. Mas não considero que considero que estas eleições estão decididas”.

Cláudio Schulz, por seu lado, considera-se algo surpreendido com “uma margem tão grande”, embora afirme que já estava à espera de “uma diferença”. O candidato da lista S acredita que o projecto que en-

cabeça é “o melhor projecto para a associação académica” e diz estar “confiante”.

Já no que diz respeito ao Conselho Fiscal, apenas duas listas se conseguiram fazer representar. O novo presidente deste órgão será José Malta, estudante da Faculdade de Farmácia, que se apresentou pela

lista R. Esta elegeu três membros para este órgão, enquanto que a lista S se vai fazer representar com dois elementos. As listas E e M não conseguiram qualquer elemento no Conselho Fiscal, cuja eleição decorre através do método proporcional de Hondt, não havendo, portanto, uma segunda volta.

Resultados									
	FCDEF	FCTUC	FDUC	FEUC	FFUC	FLUC	FMUC	FPCE	Total
lista E	1	103	51	35	17	105	34	20	366
lista M	2	172	50	41	15	93	25	21	419
lista R	89	918	720	408	290	266	511	262	3464
lista S	36	959	360	547	143	445	283	109	2882
brancos	10	280	87	68	47	76	100	40	708
nulos	2	66	18	24	14	27	16	8	175

ELEIÇÕES AAC 3

Votação “histórica” traz mais de oito mil estudantes às urnas

FRANCISCA MOREIRA



Primeira volta das eleições para a associação académica consegue grande adesão

Cerca de 8136 estudantes votaram nas eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra. Segundo o presidente da Comissão Eleitoral, António Silva, “foi uma votação histórica”

Este ano o processo eleitoral foi um dos mais concorridos de sempre. Cerca de 8136 estudantes exerceram durante os dois dias de escrutínio o seu direito, tendo votado no primeiro dia 4212 estudantes e no segundo 3924 alunos da Universidade de Coimbra. Para o presidente da Comissão Eleitoral, António Silva esta adesão dos estudantes prova que estes não estão completamente alheios da associação académica.

No ano passado, registou-se uma das maiores afluências às urnas dos últimos anos, tendo na primeira volta votado 7731 estudantes, cerca de um terço dos alunos da universidade. No entanto, os resultados finais

da primeira volta ficaram longe de garantir a maioria absoluta para qualquer das listas candidatas. De facto, a pluralidade demonstrada pelos cinco projectos apresentados à corrida eleitoral compartimentou os votos, tendo cada candidato conseguido conquistar uma faculdade, com excepção de Bruno Julião.

Assim, o processo eleitoral acabaria por ter uma segunda volta, em que Miguel Duarte, estudante de Economia, sucedeu a Victor Hugo Salgado na presidência da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. A lista I, de Miguel Duarte tinha já liderado a primeira volta das eleições, obtendo 2216 votos, enquanto que a lista C, de Hugo Queiroz, obteve 1516 votos, garantindo assim a passagem à segunda ronda.

A lista E, do candidato Paulo Leitão, alcançou somente 1248 votos desta volta, conquistando apenas a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Fora da corrida ficaram também a lista A, encabeçada por Bruno Julião, e a lista L, liderada por Vasco Nogueira, que convenceram 972 e 624 votantes, respectivamente. Na segunda volta, concorrendo apenas as listas I,

de Miguel Duarte, e a lista C; de Hugo Queiroz, verificou-se uma menor adesão às urnas, tendo 5961 estudantes exercido o seu direito de voto. A lista I bateu, nesta ronda, a lista C por uma diferença de 781 votos, tendo Miguel Duarte assumido o comando da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra.

Já em 2001, Victor Hugo Salgado, estudante de Direito, foi eleito para o seu primeiro mandato, sucedendo assim a Humberto Martins. Neste acto eleitoral, exerceram o seu direito quase 6000 estudantes. A lista X,

encabeçada por Victor Hugo Salgado, venceu as eleições na primeira volta com 53 por cento dos votos contra os 37 por cento da lista W, de João Oliveira.

No ano seguinte, e com quatro projectos a submeterem-se a sufrágio, Victor Hugo Salgado quase conseguiu a reeleição por maioria absoluta logo na primeira volta, com a lista X a obter 48,85 por cento dos votos. No entanto, a lista M, liderada por Daniel Martins e resultante do movimento MUDA AAC, obteve 18,05 por cento dos votos, e foi à

segunda volta. De fora ficaram a lista S, de João Martins, e a lista B, de Emanuel Bastos, com 16,85 por cento dos votos e 1,90 por cento, respectivamente. Neste acto eleitoral votaram 5970 estudantes. O escrutínio da segunda volta determinou a vitória da lista X, encabeçada por Victor Hugo Salgado. O projecto X venceu com 54,6 por cento dos votos, enquanto a lista M se ficou pelos 32,9 por cento. A adesão às urnas foi reduzida, com apenas 5563 estudantes a votarem menos 407 do que na primeira volta.

O processo eleitoral

As eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra decorrem por sufrágio secreto e universal entre todos os sócios efectivos da academia. Caso nenhum projecto obtenha a maioria absoluta na primeira volta, tem lugar uma segunda volta. As listas para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) e Mesa da Assembleia Magna são apresentadas em lista conjunta, sendo eleita a lista que obtiver a maioria absoluta dos votos.

Já as listas para o Conselho Fiscal da Associação Académica de Coimbra (CF/AAC) são apresentadas separadamente dos restantes corpos gerentes da AAC. A composição do CF/AAC é determinada através do método proporcional de Hondt, por sufrágio secreto, di-

recto e universal, o que possibilita que cada lista se possa fazer representar, não existindo assim segunda volta. A presidência deste órgão é exercida pelo candidato da lista com o maior número de votos. O CF/AAC é o órgão de fiscalização e jurisdição da AAC, sendo composto por cinco elementos. Entre as suas principais competências destacam-se a inspecção da contabilidade das secções e dos núcleos e a emissão de um parecer acerca do relatório de contas da DG/AAC.

O processo é dirigido pela Comissão Eleitoral. Esta é constituída por um presidente, por dois elementos de cada lista candidata à direcção-geral e à Mesa da Assembleia Magna e dois membros das listas candidatas ao Conselho Fiscal.

EDITORIAL

Janela de oportunidade

Os resultados desta primeira volta de eleições são os esperados. Passaram à segunda volta as listas que realmente se podiam assumir como potenciais vencedoras. Ainda assim, o processo eleitoral trouxe algumas novidades. Em primeiro lugar, o cacique (no sentido coimbrão do termo, em que designa não uma pessoa, mas uma acção) foi alvo de um debate relativamente aberto. Todos os candidatos admitiram e discutiram a existência de cacique (houve mesmo quem apontasse tipologias), o que não quer dizer que deixasse de ser um fenómeno visível nas imediações de muitas urnas. Em segundo lugar, dois dos projectos que se apresentaram a votos sublinharam desde cedo que não tinham fins eleitoralistas e que pretendiam uma acção que extravasava os limites do período eleitoral. Se bem que não se trate de um facto novo, a

“Os últimos dias ficaram muito aquém do que seria uma campanha capaz de informar e esclarecer o estudante”

afirmação deste tipo de movimentos aponta para uma desejável dinâmica da academia.

Agora, os últimos dias ficaram muito aquém do que seria uma campanha capaz de informar e esclarecer o estudante (tantas vezes neste período chamado “comum”) que se encontra mais afastado da Associação Académica de Coimbra ou do movimento estudantil. E dificilmente se vislumbrou por entre as intervenções públicas dos candidatos alguma ideia concreta sobre o seguimento a ser dado a um processo de luta que veio a declinar ao longo das últimas semanas. Este facto é tanto mais grave quanto mais favoráveis aos estudantes são alguns acontecimentos recentes.

Por um lado, o tribunal deu razão à providência cautelar apresentada pela direcção-geral da Associação Académica de Coimbra relativamente ao processo de votação por correspondência. A vitória não tem efeitos práticos, uma vez que o Senado Universitário acabou por votar, no dia 20 de Outubro, o valor máximo da propina. Contudo, trata-se de uma vitória moral cujo valor político não pode ser desprezado. Por outro lado, o Governo caiu. Se, em abono da verdade, a estabilidade do executivo praticamente não foi beliscada pela reivindicação estudantil, não deixa de ser certo que é uma situação que abre algumas brechas para conquistas na luta contra a legislação para o ensino superior. Assim, cai sobre os ombros da equipa que vencer o próximo escrutínio não só a responsabilidade de liderar uma academia que ainda é de peso no contexto nacional, como também de saber aproveitar uma conjuntura que dificilmente se repetirá. Se as eleições marcaram (há que admiti-lo) uma quebra na contestação, é preciso não esquecer que os princípios democráticos em que se funda a academia de Coimbra não podiam permitir um adiamento indefinido ou muito alongado do processo eleitoral; mas é também preciso que uma nova direcção-geral não leve muito tempo a encetar o necessário trabalho (de gabinete e de rua), sob pena de este hiato se estender irremediavelmente. João Pereira

Investigação na Europa: que futuro para as prioridades?

Tiago Azevedo *

Numa altura em que muito se fala sobre a convergência dos diferentes sistemas de ensino superior da União Europeia, que terá a sua concretização, de uma forma faseada, a partir de 2005 até 2010, outro tema tem ganho semelhante importância. É pois uma realidade que a Investigação e Desenvolvimento (I&D) é um dos pilares de progresso dos países e que, neste campo, as universidades são cada vez mais encaradas como pólos de investigação que podem e devem ter uma ligação ao tecido empresarial e restantes estruturas da sociedade civil. Num campo de políticas comuns, como é a chamada “Europa dos 25”, torna-se pois pertinente que, tendo em conta as especificidades de cada Estado-membro, se procure uma certa homogeneização nas mais diversas vertentes, desde o investimento até a própria investigação que é produzida, passando pela formação e captação de investigadores.

Extrapolando o campo do ensino superior e baseando-nos na investigação científica e tecnológica dos diferentes Estados-membro, como será possível encarar a evolução que alguns dos países têm em relação a Portugal? De acordo com um estudo conduzido pelos investigadores do Centro de Investigação sobre Economia do Instituto Superior de Economia e Gestão, Portugal vai demorar cerca de 100 anos para atingir a média europeia, isto no caso de se manterem os actuais ritmos de crescimento dos índices tecnológicos. É verdade que nos últimos anos Portugal tem apresentado taxas de crescimento superiores à maior parte dos países, mas sendo o nível tão baixo é necessário aumentar significativamente o crescimento para, deste modo, acelerar o processo de convergência tecnológica.

Portugal, neste sector, é um dos países mais atrasados da comunidade. Países que vão agora integrar a União Europeia têm uma taxa de licenciados mais elevada que Portugal e apostam numa formação mais especializada, orientando os jovens para as áreas prioritárias. Mas em Portugal o que se passa é o contrário. O estado da educação em geral, que mais tarde influencia o sistema de ensino superior e, nomeadamente, a investigação, são factores que deveriam ser melhor geridos. Num projecto que uniformiza os diferentes planos de ensino superior, é importante pensar em prazos, mas mais importante é pensar nas especificidades do ensino superior em Portugal e saber se o nosso modelo pode efectuar as alterações da mesma forma que os restantes países.

Actualmente a reforma das principais leis e estatutos de enquadramento e financiamento da I&D, que estão agora em curso, de-

vem colmatar algumas das lacunas. No entanto, Mira Godinho, coordenador do estudo sobre a Propriedade Industrial em Portugal, sublinha que existem várias vertentes a trabalhar. Neste campo, refere que o “objectivo é pôr a investigação e os conhecimentos científicos e tecnológicos a funcionar em articulação com a inovação, criando um sistema dinâmico e qualificado”.

Este é um passo fundamental de certeza, mas para tal as empresas devem ter mecanismos para captar o conhecimento científico e tecnológico desenvolvido pelos centros de investigação das universidades. É neste sector que as universidades têm de ganhar novas competências, desempenhando um papel mais importante nos projectos a financiar, abandonando a intervenção puramente formal dos Conselhos Científicos das faculdades.

Por outro lado, a criação da Agência de Inovação, um organismo do Estado para a promoção da investigação e desenvolvimento, foi, sem dúvida, um passo importante para o progresso desta área no país. Contudo, para estes organismos funcionarem e criarem condições de desenvolvimento, é necessário que existam as fundações que sustentem esta evolução. Neste sentido, é pertinente a qualificação de recursos humanos, um sector que em Portugal apresenta um grande défice. Comparativamente aos países da Europa, Portugal tem uma das maiores taxas de abandono escolar e, consequentemente, uma das menores taxas de frequência no ensino superior. Quando se conseguir contrariar esta tendência será então possível apostar na formação ao longo da vida, uma condição fulcral para tentar cumprir alguns dos requisitos para a criação de uma “Política Científica Comum” e de um Espaço de Investigação Europeu.

No actual momento, em que Portugal parece seguir em sentido oposto à maioria dos Estados-membro, torna-se complicado aplicar estas directrizes europeias, sem antes formar no nosso sistema certas bases que suportem uma formação baseada no conhecimento e que satisfaça as principais necessidades da sociedade e do mercado de trabalho. Não se pode cair no erro de pensar que um sistema uniforme para a União Europeia irá solucionar todos os problemas, quando a nível nacional não se pretende fazê-lo e se está à espera de uma solução de arrasto. O problema é que esta solução poderá não ser a melhor.

* ex-presidente da Secção de Jornalismo e estagiário em jornalismo



ENSINO SUPERIOR 5

Nova faculdade de Desporto em 2008

Estrutura será o maior pólo desportivo da zona Centro

Depois de 12 anos à espera de espaço próprio, a Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física já tem financiamento garantido por parte do ministério e a construção da nova faculdade começa no início de 2006

Helder João Pinto
Soraia Ramos

Desde a data da sua criação, em 1992, a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF) luta por instalações próprias que possam dar resposta às exigências da licenciatura. No entanto, a construção da faculdade no Pólo II vai arrancar em 2006 e deverá estar concluída em 2008. Contudo, têm sido feitos esforços para colmatar as dificuldades com que os estudantes se deparam no dia-a-dia até que a nova faculdade esteja pronta. A existência de uma nova cantina, de secretarias e de uma biblioteca são exemplos das melhorias efectuadas.

Actualmente esta faculdade funciona na sua maioria no Estádio Universitário, onde ocupa essencialmente o pavilhão 3. No entanto, reparte ainda estes espaços com as secções desportivas da Associação Académica de Coimbra (AAC) e com várias escolas, o que vem dificultar ainda mais a existência de condições mínimas para o funcionamento da FCDEF.

No que diz respeito às aulas teóricas, os alunos desta instituição têm aulas dispersas um pouco por toda a cidade, passando pelo departamento de Matemática, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e pelas piscinas de Celas.

Segundo o pró-reitor e membro do Gabinete Técnico da Universidade de Coimbra (UC), Raimundo Mendes da Silva, a construção da nova FCDEF vai ter início em 2006 e demorará cerca de ano e meio. Situando-se no Pólo II, a obra vai contar com uma vasta área de mais de 9000 m² e está estimada em seis milhões de euros. O financiamento já foi garantido este ano por parte do Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior.

A obra foi objecto de um concurso de arquitectura internacional, ao qual concorreram 22 projectistas. O concurso decorreu no ano passado em várias etapas: foi lançado no início deste ano e teve o primeiro acto público a 1 de Abril e o segundo a 1 de Julho. Em meados de Outubro, o projecto foi adjudicado, tendo sido contratada a arquitecta Inês Lobo. Actualmente está em curso o estudo prévio da proposta da arquitecta à universidade, que está a ser analisada com a FCDEF, tendo em conta as necessidades específicas da facul-



Dentro de quatro anos, os alunos de Ciências do Desporto e Educação Física terão instalações próprias no Pólo II

dade. A arquitecta terá um ano para concluir e adaptar o seu projecto às circunstâncias, estando, portanto, previsto para o terceiro trimestre de 2005 o projecto de execução, que abrangerá, por exemplo, as questões relacionadas com a segurança e a electricidade.

A estrutura da nova faculdade, de acordo com as exigências da UC, englobará três aspectos inovadores: a sustentabilidade, com preocupações de carácter ambiental, nomeadamente o uso de painéis solares e o de materiais não nocivos para o ambiente; a conservação de energia, através da utilização de isolamentos térmicos, e as acessibilidades do projecto para cidadãos portadores de deficiências físicas.

O edifício será coberto por uma pista de patinagem, que poderá, eventualmente, ser acessível ao público em geral. Englobará, também, salas de aula, num corpo autónomo, um ginásio para práticas desportivas e um conjunto de laboratórios, dos quais é de destacar o de bioci-

nética, por permitir o estudo do trabalho físico, do desenvolvimento muscular e das reacções fisiológicas dos atletas.

Posteriormente, este projecto poderá contar com uma segunda e terceira fases, que se destinarão à criação de campos desportivos exteriores e de uma várzea desportiva, situada junto ao rio, de grande envergadura que será não só projecto da UC mas também de toda a cidade. Quando estas fases estiverem concluídas, tornar-se-ão, de acordo com Raimundo Silva, "no maior pólo desportivo do centro do país".

Actuais condições não são as melhores

Neste momento, a FCDEF não tem um edifício próprio. Os alunos têm as aulas práticas no Estádio Universitário e as aulas teóricas no departamento de Matemática e na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

O presidente do núcleo de estu-

dantes desta faculdade, António Coelho, aponta como principais dificuldades "o facto de o pavilhão ser utilizado pelas várias secções desportivas, o que leva à sua degradação, considerando, deste modo, que este espaço só deveria ser usado pelos alunos". Um outro problema evidenciado "é a falta de salas para a realização das aulas teóricas, chegando-se ao ponto de, muitas vezes, os alunos terem que fazer os exames nas bancadas do pavilhão", explica.

Contudo, António Coelho considera que "que têm sido tomadas medidas para minimizar as lacunas existentes". Daí que a recente construção de uma cantina junto ao Estádio Universitário, assim como uma sala para o núcleo de estudantes e uma sala de estudo mereçam o elogio do presidente do núcleo ao Conselho Directivo da FCDEF, que "tem posto as prioridades dos alunos sempre à frente". No entanto, acrescenta, "ficamos agora à espera que o projecto da construção da no-

va faculdade ande para a frente".

Também Raimundo Silva partilha da ideia de que "as actuais condições da faculdade de desporto estão muito aquém do desejável". Assim, defende, "que por um lado é importante não desacelerar o processo de construção da nova faculdade e, por outro, fazer as adaptações necessárias e possíveis no Estádio Universitário, de acordo com as limitações orçamentais, para que a FCDEF vá vivendo com a dignidade mínima". Considera que as maiores dificuldades se prendem com "a limitação espacial e a localização dos gabinetes dos docentes e, também, com o facto de os balneários serem antigos e degradados, daí que no próximo ano tenham de ser melhorados". O docente sublinha ainda que "é necessário melhorar as condições existentes com apoio da própria faculdade, da reitoria, do estádio e da Associação Académica de Coimbra", pois "a nova faculdade nunca vai poder prescindir integralmente do Estádio Universitário".

Universidade em Viseu gera críticas

Apesar de criticada pela maioria da comunidade universitária, a criação de uma nova universidade em Viseu conta com o apoio do Governo

**Lurdes Faria
Filipa Oliveira**

É apresentado esta semana o projecto para a criação da Universidade Pública de Viseu (UPV), a ser constituída pelo actual instituto politécnico da cidade e pelo Instituto Universitário de Estudos Avançados (IUEA), a construir de raiz. A universidade foi projectada pelo grupo de trabalho responsável pela reorganização do ensino superior, liderado por Veiga Simão, ex-ministro da Educação e da Defesa, que idealizou “uma universidade diferente”.

O IUEA, um dos “braços” da nova instituição, aposta no ensino pós-graduado e no ensino graduado de licenciaturas deficitárias na região. “Pretendemos abranger áreas de que o país carece, não entrando em conflito com as universidades existentes”, explicou Veiga Simão. Os “desenhos curriculares” de alguns cursos já estão traçados. As formações ministradas no instituto pretendem conciliar as tecnologias mais avançadas às áreas de saúde, de produção tecnológica e multimédia.

O instituto já existente está a ser reorganizado, no sentido de racionalização dos cursos para que tenham uma aplicação prática. Foi feita uma consulta às empresas para que os cursos possam corresponder às exigências das empresas locais.

O grupo de trabalho propõe que o modelo da nova universidade seja totalmente diferente dos existentes em Portugal. “A universidade ambiciona ser inovadora, diferente, com grande colaboração internacional”, explicou Veiga Simão. “European University



A futura universidade em Viseu pretende aliar-se às instituições já existentes na região, numa relação de “complementaridade”

of Excellence” foi a designação escolhida, uma vez que a instituição vai funcionar em parceria com universidades estrangeiras - a Universidade de Erlangen-Nuremberg, e, porventura, com o Imperial College de Londres. Também a ministra da Ciência, Inovação e Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, acha que “esta futura universidade deve ser uma parceria público-privado”. Para isso, a instituição “deverá estar muito ligada ao sector empresarial e ao investimento estrangeiro em Portugal, através, por exemplo, da ‘Siemens Medical Solutions’”, sublinhou a ministra. Desta forma, a UPV tenciona ter uma grande ligação a sectores das tecnologias da Medicina de maneira a conseguir atrair alunos de toda a Europa.

A criação da universidade pode ser uma realidade já no próximo ano. Contudo, o projecto só pode ser aprovado mediante a aprovação da lei da

autonomia universitária, já que o modelo proposto pelo grupo de trabalho não é aplicável às leis actuais. Segundo o coordenador do grupo de trabalho, o modelo da futura instituição fica um pouco dependente das futuras leis na medida em que os modelos que propomos não têm cobertura pelas actuais”. E acrescenta: “Para criar mais uma universidade igual às outras não vale a pena”.

Projecto não reúne consenso

As restantes instituições da cidade - a Universidade Católica Portuguesa (UCP) e o Instituto Piaget, já demonstraram a sua oposição face à progressão do projecto.

O reitor da UCP refere que “a criação da universidade não é racional nem necessária”. Na opinião de Manuel Braga da Cruz, o problema está na procura de cursos e não na oferta existente.

Também António de Oliveira Cruz,

presidente do Instituto Piaget, defende que “as universidades já existentes têm a capacidade para o dobro dos alunos”. O Instituto Piaget tem cerca de 1600 estudantes a frequentarem as mais diversas áreas, desde Enfermagem, passando por Economia e Psicologia até à Música. Oliveira Cruz mostra-se contra a nova universidade, porque “não faz sentido uma instituição para destruir as outras”.

Mas, as críticas não advêm apenas dos organismos directamente atingidos. Também o presidente do Conselho de Reitores Portugueses, Adriano Pimpão, se mostra reticente à criação do instituto, preferindo esperar pela apresentação final do estudo levado a cabo pelo grupo ministerial.

O presidente da Câmara Municipal de Viseu, Fernando Ruas, mostra-se entusiasmado e expectante no que diz respeito ao projecto. “Pus o meu lugar à disposição no caso de o projecto não se concretizar”, afirma.

Coimbra reúne estudantes de Cabo Verde

André Ventura

O IX encontro da comunidade estudantil cabo-verdiana decorre este ano em Coimbra. Segunda-feira foi o primeiro dia da iniciativa, que termina no domingo e inclui diversas actividades, desde jogos tradicionais a debates e mostras gastronómicas.

Para Sança Gomes, presidente da Associação de Estudantes de Cabo Verde em Coimbra e organizador do encontro, esta edição “vai ser diferente de todas as outras, a começar pela duração, que este ano será de uma semana ao contrário dos três dias habituais nos encontros anteriores”.

Além desta, existem outras novidades, a começar pela participação do primeiro-ministro cabo-verdiano, da ministra da Educação e do embaixador de Cabo Verde em Portugal. Essas presenças serão aproveitadas pelos estudantes para debater “questões polémicas e urgentes para a comunidade estudantil cabo-verdiana”, como a criação de uma Universidade de Cabo Verde. Sança Gomes faz um balanço positivo de todos os encontros anteriores, mas sublinha “que este é o que reúne mais expectativas”. O estudante explica esta perspectiva: “Já que vai ser em Coimbra, uma cidade geograficamente no centro do país, e que é um grande pólo da vida estudantil, espera-se uma maior afluência de jovens cabo-verdianos, bem como uma maior abertura destes a outras culturas e povos”. Outra razão que leva a que se espere bastante deste encontro é a enorme divulgação e campanha de marketing que teve ao nível nacional, afirma o organizador.

Nesta edição, as actividades estão espalhadas por vários locais de Coimbra. No estádio universitário têm lugar jogos tradicionais de Cabo Verde, torneios de futsal, voleibol e futebol. Ao nível gastronómico, as Cantinas Amarelas vão servir amanhã um jantar de recepção e as mostras da gastronomia cabo-verdiana decorrem durante toda a semana nas Cantinas Azuis.

Todas as palestras terão lugar no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, e as noites serão preenchidas com convívios, a realizar na Via Latina, Scotch, cantina dos Grelhados e OAF, bem como uma palestra musical no auditório dos hospitais, que contará com a presença de Paulinho Vieira, entre outros artistas cabo verdianos.

Segundo Sança Gomes, estes encontros, além de servirem para que os estudantes cabo-verdianos troquem experiências entre si, servem também para dar a conhecer a cultura deste país cuja comunidade estudantil é, “em geral, bem acolhida pelos portugueses”.

Justiça dá razão a estudantes

Tribunal Administrativo e Fiscal de Coimbra considerou ilegal a votação da propina máxima, por correspondência, em Junho passado

Rui Simões

Depois dos estudantes terem lançado uma providência cautelar contra a Reitoria da Universidade de Coimbra, devido à votação da propina máxima, por correspondência, em Junho passa-

do, o Tribunal Administrativo e Fiscal de Coimbra (TIF) veio considerar esta medida ilegal, anulando-a. Assim, o resultado desse escrutínio teria de ser ratificado por voto válido (como acabou por ser feito no passado dia 20 de Outubro). Simultaneamente, o TIF condenou o reitor e a Universidade de Coimbra ao pagamento de todos os custos do processo.

Para o advogado da Associação Académica de Coimbra responsável pelo processo, Nuno Gonçalves, esta foi uma “vitória moral” que permite “fazer ver ao reitor que o voto como foi feito era ilegal, e que nem tudo pode ser feito como ele quer”. Nuno Gonçalves afirma ainda que esta deci-

são judicial permite perceber que “os estudantes não lutam contra as propinas só por serem as propinas”, mas também lutam “pela legalidade da forma como elas são fixadas”, sendo que “elas estavam a ser fixadas de forma ilegal, pelo próprio reitor”.

Já para o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte, esta “é claramente uma vitória política”. O presidente da DG/AAC afirma, assim que “os estudantes estavam correctos quando recorreram ao tribunal para dizer não e para pôr em causa a legitimidade daquele processo de votação”, sendo que “neste momento essa vitória foi consagrada”.

Miguel Duarte lamenta apenas que “se tenha recorrido a todos os outros métodos para poder aprovar a propina” visto que “depois de tudo o que aconteceu no passado dia 20 de Outubro, a consequência prática deste processo já não existe”.

O dirigente associativo ressalva, no entanto, que esta decisão do tribunal é um “aviso para o futuro”, tendo de ser “retiradas ilações desta situação, por parte da reitoria”. Miguel Duarte considera ainda que a vitória efectiva é a de “prevenir que este tipo de situações nunca mais aconteça na Universidade de Coimbra” e mostrar que “os estudantes estão atentos” na defesa dos seus direitos.

PUBLICIDADE



SDDH / AAC

Campanha de Solidariedade Natal 2004

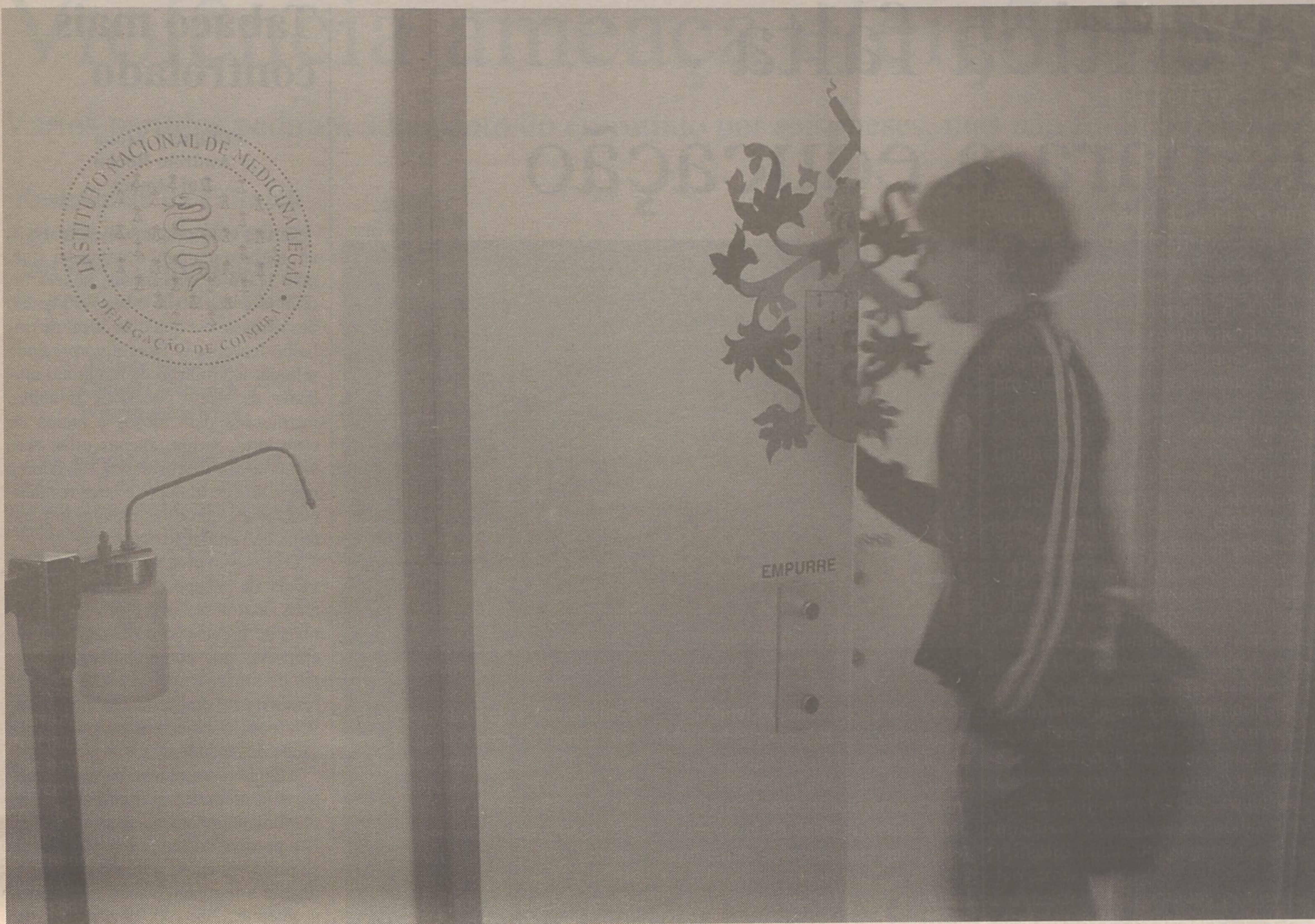
2 a 17 de Dezembro

Recolha de: • Vestuário • Calçado • Produtos de Higiene • Livros • Jogos • Alimentos • Brinquedos • Material Diverso

Pontos de Recolha

Sala de Estudo da AAC | Núcleos de estudantes | Residências dos SASUC
Estádio Cidade de Coimbra | Loja Briosas (sede do OAF)

JOÃO CORTESÃO/ARQUIVO



Instituto Nacional de Medicina Legal abriu as portas à entrada de novos profissionais de saúde

Instituto de medicina legal tem poucos especialistas

Prevê-se que a situação esteja totalmente resolvida apenas dentro de quinze anos

Mais de metade do trabalho feito pelo Instituto Nacional de Medicina Legal (INML) é ainda realizado por pessoal não médico

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

Numa fase em que a nova legislação aumentou a área de intervenção do INML, cuja sede é em Coimbra, este confronta-se com falta de meios humanos para o quadro de pessoal médico. O presidente do instituto, Duarte Nuno Vieira, refere que este “herdou os problemas da anterior estrutura, nomeadamente o da carência de pessoal”.

O responsável revela que o quadro actual representa “um inconveniente”, uma vez que os lugares dos médicos legais têm sido preenchidos por profissionais não especialistas na área. Actualmente, apenas dez por cento do pessoal médico tem especialização. Esta lacuna não impediu, no entanto, a realização de actividades do departamento médico-legal, visto que “as perícias

de genética, de psicologia e antropologia forense ficam a cargo de outros especialistas, como é o caso de farmacêuticos, químicos ou ainda psicólogos”.

A falta de pessoal médico foi uma das problemáticas abordadas na reunião que se realizou no passado dia 15 de Novembro, em Coimbra, com os presidentes dos tribunais da Relação e do Trabalho, procuradores gerais distritais e directores do Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP). Na reunião também se analisaram os três anos de vida do INML, onde se referiu a importância da existência de uma rede dirigida para o transporte de cadáveres. Para esta questão, os magistrados sugeriram que se recorresse a uma espécie de assessoria médica para averiguar a necessidade de abertura de um processo. Duarte Nuno Vieira classifica o intercâmbio com o DIAP como “fundamental”, na medida em que “se podem articular perspectivas”, com o objectivo de “melhorar a eficácia das áreas de intervenção”.

O encontro teve como resultados uma série de acordos ao nível do funcionamento entre instituições, uma vez que “o instituto faz a ponte entre a medicina e o direito, isto é, a aplicação de conhecimentos médi-

cos na resolução de problemas jurídicos”.

Apesar do INML estar sob a alçada directa do Ministério da Justiça, este vive de receitas próprias, utilizando apenas cerca de três por cento do Orçamento de Estado. O presidente da instituição perspectiva que esta em 2006 seja auto-suficiente.

Soluções à vista

Em resposta à carência de recursos humanos, foram abertas dezasseis vagas para médicos internos em medicina legal, o que representa “um aumento significativo de quase 50 por cento”. Por isso, Duarte Nuno Vieira prevê que “daqui a quinze anos a situação esteja completamente resolvida”. Assim, “esta menoridade em medicina legal começa a esbater-se e as pessoas começam a ver esta carreira como atractiva, dado que pode proporcionar as mesmas condições que os ramos da saúde pública e da clínica geral”, afirma.

Do ponto de vista tecnológico e pericial, o presidente considera que Portugal “está ao nível do que de melhor se realiza no estrangeiro”. A comprovar a evolução desta área de investigação, Duarte Nuno Vieira refere a realização de várias formações

no estrangeiro, nomeadamente aos médicos kosovares, sob a alçada das Nações Unidas. Os peritos do instituto também foram solicitados para dar um curso de formação de avaliação de dano corporal a médicos e advogados da Bolívia. Para além disso, estes profissionais já estiveram no Peru e Mauritânia, entre outros países. Também vários estrangeiros vêm para Portugal para realizar as suas teses de doutoramento, “concedendo ao instituto algum prestígio”, afirma o presidente do INML.

Apesar das carências, Duarte Nuno Vieira faz um “balanço positivo” destes três anos de existência e realça que esta carreira começa a ter serviços espalhados por todo o país. Do total de 31 gabinetes médico-legais, previstos na lei há mais de 20 anos, 22 estão em funcionamento e há mais quatro a ser inaugurados no já no início do próximo ano. Estes contam com boas instalações e excelentes condições, o que “só incita os jovens a apostar numa área com alcance ao nível da investigação científica”. Contudo, o presidente do instituto não esquece que “há muitos aspectos que necessitam de ser revistos” e que é importante “andar a passos pequenos para evitar sobressaltos”.

Coimbra B a caminho do futuro

Ricardo Martins

A estação de Coimbra B, também denominada Estação Velha, vai passar por uma remodelação total das suas instalações. As obras têm início já nos primeiros meses de 2005 e a sua conclusão está prevista para o final de 2006.

O empreendimento é da responsabilidade da Rede Ferroviária Nacional (REFER) e da Câmara Municipal de Coimbra (CMC) e contempla a demolição do actual edifício da estação ferroviária, bem como a sua transformação numa gare multi-modal, à imagem das grandes estações europeias.

O procedimento de renovação tem sido célere e vai contar com três fases distintas: a primeira, que se prendeu com a abertura do concurso e apresentação das propostas, foi já efectuada no dia 16 do mês passado; a segunda fase consiste na implementação das alterações no campo ferroviário; por fim, a última etapa contempla a construção do novo edifício.

O investimento para esta obra ronda os 13 milhões de euros e vai apetrechar a cidade de um espaço mais moderno. Após a remodelação, a estação vai passar a albergar uma rede ferroviária transformada, um terminal rodoviário, táxis e ainda o metropolitano. No que concerne às infra-estruturas ferroviárias, o novo espaço vai contar com a renovação das linhas, cais de embarque e com uma passagem pedonal inferior, com acesso por escadaria a cada cais e meios mecânicos. Está também prevista a substituição do actual túnel rodoviário. O projecto está a cargo do arquitecto catalão Juan Busquet, ligado a várias obras de impacto internacional na cidade de Barcelona.

O vereador das Obras Públicas da CMC, João Rebelo, congratula-se com o empreendimento e considera que esta é uma obra que há muito faltava à cidade. “Coimbra está na senda do desenvolvimento e do progresso e esta é uma obra essencial que irá enriquecer muito a área metropolitana da cidade”, afirma. No entender do autarca, o espaço estava subaproveitado e muito antiquado e representava um funcionalismo muito diminuto, daí que esta remodelação venha a estimular o desenvolvimento de toda a zona envolvente e ainda trazer um património arquitectónico de enorme valor funcional para a cidade.

João Rebelo considera ainda que “a cidade, com todas estas obras a surgirem, como a circular externa, o estádio Cidade de Coimbra, os centros comerciais e as piscinas, revelam todo o seu enorme potencial e colocam-na na rota do futuro e do crescimento”. Incerto é ainda o destino a dar aos edifícios da central de camionagem na Avenida Fernão de Magalhães e ao da estação ferroviária de Coimbra-Cidade, que podem passar por uma reconversão ou ainda demolição. Segundo João Rebelo, a decisão fica dependente do que será designado para a revitalização da zona ribeirinha.

8 NACIONAL

Oposição critica falta de verbas para a educação

A escassez de fundos destinados a Ciência, Inovação e Ensino Superior é contestada pela esquerda, mas refutada por PSD e PP

Sandra Ferreira
Rui Simões
Marisa Soares

Na sequência da apreciação e votações na especialidade das Grandes Opções do Plano e Orçamento de Estado (OE) para 2005, ainda a decorrer na Assembleia da República, um dos temas mais questionados tem sido a suposta diminuição da fatia orçamental destinada à educação e ensino superior.

No cômputo geral, o Orçamento Geral de Estado contempla um aumento 3,2 por cento das verbas destinadas ao Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior, mas as forças da oposição afirmam que este número não se traduz num aumento real de investimento.

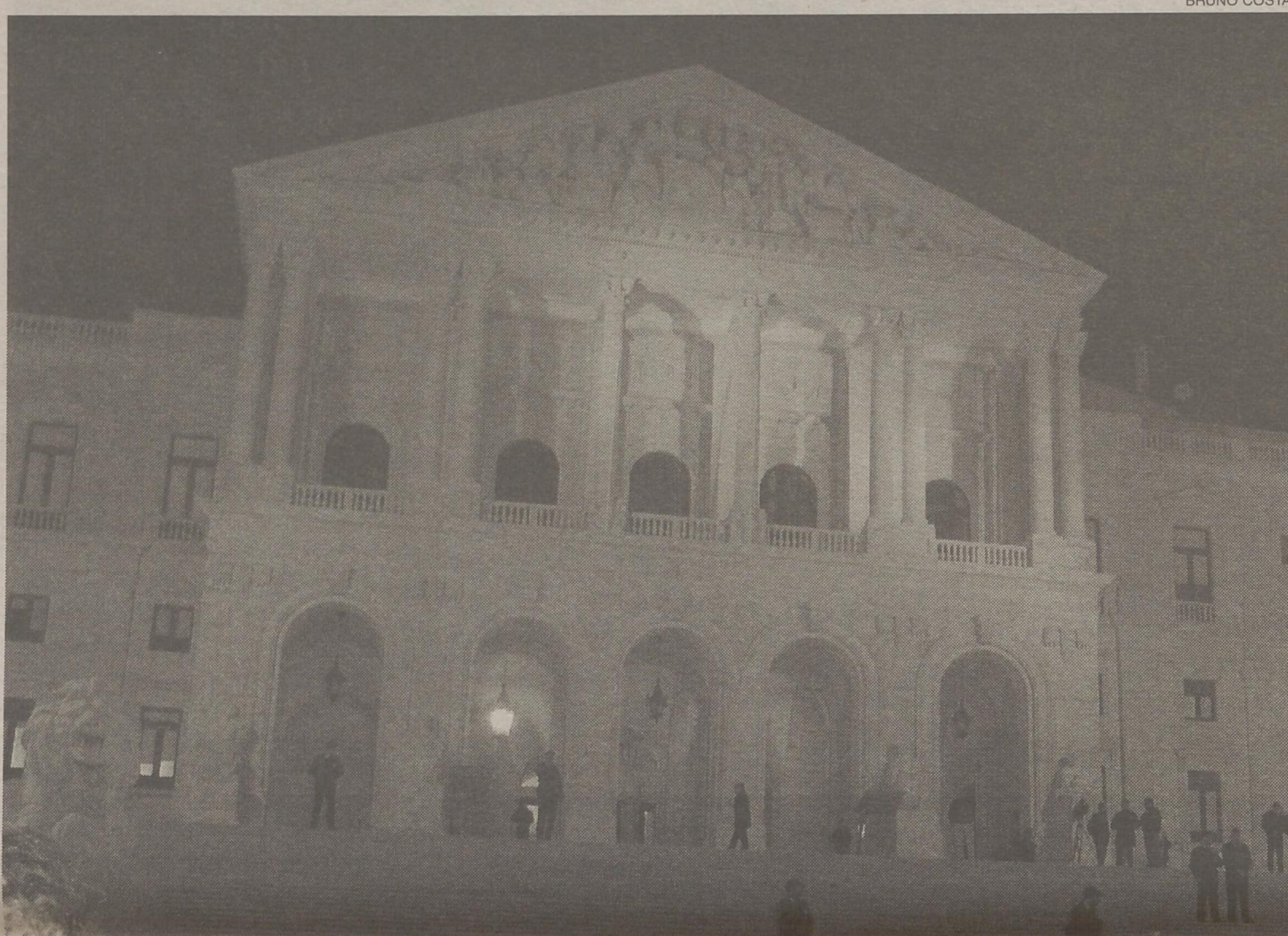
Assim, em defesa das opções governamentais, Massano Cardoso, do Partido Social-Democrata, diz que "houve um aumento significativo que está de acordo com as políticas do Governo para estas áreas", realçando igualmente "um aumento substancial no que respeita à acção social escolar" e reforçando que este é um dos sectores em que o Governo está a investir "o máximo que pode".

Em resposta às críticas da oposição, o deputado social-democrata considera que estas "não têm fundamento", visto que a tutela tenta sempre "respeitar e salvaguardar os interesses superiores da nação, em áreas que são absolutamente importantes, como é o caso da educação, do ensino superior, da ciência e tecnologia".

Já Anacoreta Correia, do Partido Popular, embora pense que está a ser feito o possível, considera necessário "investir mais no ensino superior, sobretudo na investigação científica e tecnológica, da qual depende a modernização do país". No entanto o parlamentar popular afirma que a prioridade passa pela "racionalização de gastos".

Oposição critica e questiona

Do lado da oposição, Eduardo



Oposição parlamentar questiona falta de interesse do Governo pelo Ensino Superior, Ciência e Tecnologia

Cabrita, do Partido Socialista, critica as opções governamentais afirmando que "não há incentivos necessários à investigação científica" quando existe "um problema de necessidade de inovação". Cabrita critica igualmente as "graves restrições à autonomia financeira das universidades" que criam uma situação de violação da lei da autonomia universitária, e que levam a uma "repressão significativa do investimento".

Por parte do Partido Comunista Português, Honório Novo ataca o plano orçamental do Executivo, afirmando haver um "claro desinteresse de investimento" embora o elenco governativo pretenda "fazer crescer" o contrário. O parlamentar comunista diz ainda que não existem "actos concretos" que prossigam para além dos "discursos" do Governo.

Quanto ao Bloco de Esquerda, este, pela voz de Francisco Louçã, também critica o Orçamento Geral de Estado postulando que este "vai contribuir para o enfraquecimento das contas públicas e das responsabilidades sociais". Quanto à parte destinada ao ensino superior, Louçã julga que este "continua a perder no orçamento, obrigando ao au-

mento das propinas". O bloquista afirma ainda que este OE apenas contribuirá para uma "degradação intencional da investigação científica".

A votação final do Orçamento de

Estado para 2005 deverá ocorrer nas próximas semanas, mas só depois da votação do Orçamento Rectificativo de 2004 (ver caixa), e da conclusão das apreciações e votações na especialidade.

Orçamento Rectificativo vai a votos

O Orçamento Rectificativo (OR) relativo a 2004 será discutido amanhã na Assembleia da República. Este visa permitir o pagamento de 2850 milhões de dívidas contraídas desde 2002, das quais 2100 milhões resultam da derrapagem financeira do Serviço Nacional de Saúde.

Sendo previsível a sua aprovação com os votos da maioria PSD/PP, o social-democrata Massano Cardoso afirma que a sua força parlamentar votará "naturalmente" a favor.

O mesmo sucede com o PP, que, segundo Anacoreta Correia, vai apoiar o orçamento rectificativo por "considerar que é correcto" sendo "um acto de boa gestão e transparência".

Do lado da oposição este OR é visto como o "reconhecimento do falhanço da política de consolidação orçamental" do Executivo, tal como afirmado pelo socialista Eduardo Cabrita. Cabrita acrescenta ainda que "os sacrifícios pedidos aos portugueses acentuaram a recessão económica e não permitiram a consolidação orçamental", sendo que isso fica patente neste OR.

Na mesma linha, surge Honório Novo, do PCP, afirmando que "a pouca transparência do exercício orçamental" deste OR confirma que "este Governo está a descorar aquilo que é o crescente endividamento público". Francisco Louçã, do Bloco de Esquerda, faz as mesmas afirmações das restantes forças parlamentares de esquerda, dizendo esperar "um esclarecimento do Governo sobre as razões para o descontrolo das finanças que aparece nesse orçamento".

Tabaco mais controlado

Liliana Carona
Andreia Rocha
Rui Simões

O Governo prepara-se para levar ao Parlamento um decreto-lei que, num prazo de seis meses, poderá interditar o consumo de tabaco em bares, discotecas e em qualquer local de trabalho fechado. O Executivo pretende reforçar a proibição de fumar em unidades de saúde, locais de trabalho, instituições para idosos e meios de transporte. Assim, apenas estão previstas áreas destinadas a fumadores nos locais de trabalho e lares/residências, desde que estas tenham um sistema de ventilação próprio.

O Governo pretende ainda proibir a venda de tabaco a menores de 16 anos, assim como promover campanhas de prevenção do tabagismo por empresas que comercializem produtos do tabaco "uma vez que os interesses destas empresas são inconciliáveis com o objectivo de proteger a saúde dos cidadãos".

Alguns restaurantes, bares e discotecas já prometeram apresentar o seu descontentamento para com esta lei. Isto porque, do seu ponto de vista, fica posta em causa a liberdade individual, e a regulamentação trará sérios problemas, sobretudo no caso das discotecas, onde será mais difícil fazer valer a lei.

Também os diversos grupos de oposição põem algumas reticências a esta opção governativa. Eduardo Cabrita, do PS, diz que tal proposta ainda lhe é desconhecida e espera por "propostas concretas" de modo a "chegar a um consenso no sentido de que se atenda cada vez mais aos perigos para a saúde pública".

Já pelo PCP, Honório Novo afirma haver necessidade de "bom senso", visto que "tem que haver espaços reservados para os fumadores, embora isso não signifique que os fumadores sejam criminosos" já que estes "também têm necessidade e direito a poderem fumar". O deputado comunista considera mesmo que este decreto-lei é uma manobra de diversão porque "mesmo que seja aprovado, ninguém o vai cumprir". Ainda em relação a este assunto, João Teixeira Lopes, do Bloco de Esquerda, afirma que é "plenamente" a favor do total exercício das liberdades individuais, no que respeita a "condutas, comportamentos e estilos de vida". Mas, apesar disso, considera que "fumar em locais fechados, com dimensões reduzidas, pode prejudicar outras pessoas", concordando, assim, com a "restrição do tabaco nestes espaços". Ainda assim, o bloquista discorda da proibição do consumo de tabaco em locais fechados "relativamente amplos".

O TEATRO AMBULANTE CHOPALOVITCH
de Lioubomir Somovitch

teuc 04

encenação | Pedro Matos

08-11|14-18 DEZEMBRO | 21:30
TEATRO DE BOLSO DO TEUC (EDIFÍCIO AAC)



www.teuc.pt

1€ Estudantes | 3€ Não Estudantes
Bilhetes à venda no local
Informações 918 577 405 | 914 777 336

INTERNACIONAL 9

Violência ameaça eleições no Iraque

Vários partidos pediram adiamento do escrutínio por seis meses, mas não foram atendidos

Resistência de Fallujah e incidentes vários põem em risco continuidade do processo democrático

**Rúben Figueira
Cláudia Gameiro
Wnurinham Silva**

Após a queda do regime de Saddam Hussein, a 9 de Abril de 2003, o Iraque tem vivido uma crescente instabilidade política. Fallujah tem sido uma das cidades que mais sentiu o peso das manifestações impulsionadas pelos rebeldes, tornando-se o foco dum ataque norte-americano que procura travar a rebelião. Mas a Associação dos Clérigos Muçulmanos do Iraque, um poderoso grupo sunita, não tem baixado a guarda, ameaçando promover um boicote às eleições iraquianas, previstas para 30 de Janeiro (as primeiras eleições livres, desde há 46 anos, no Iraque) se os americanos não desistirem das ofensivas à cidade.

Consideradas uma afirmação do poder americano na região, as eleições correm o risco de ser adiadas para semanas, ou mesmo meses, mais tarde. Segundo a ONU, o caso poderia ser resolvido sem recorrer ao uso de armas, através da acção de negociadores. Ashraf Qazi, enviado das Nações Unidas ao Iraque, afirmou publicamente: “Devemos ser optimistas e reconhecer que há um processo de diálogo em andamento. Estamos aqui para ajudar”. Contudo Fallujah tem sido bombardeada diariamente e, apesar de estarem a ser tomadas medidas de modo a impedir a invasão e atenuar os ataques, al-Faidhi defende que “eleições que vêm do sangue dos iraquianos, da destruição de suas propriedades e do assassinato de mulheres e crianças não merecem respeito”.



Ofensivas americanas no Iraque levam a que sunitas se revoltam e ameacem boicotar eleições

Apesar do apelo ao voto universal da população iraquiana, as regiões sunitas insistem em manter-se alerta e reticentes quanto ao sufrágio.

Perante esta situação, o vice primeiro-ministro iraquiano, Barham Saleh, já veio afirmar que é necessário que, na altura do acto eleitoral, já tenham “estabilizado” as várias zonas que se tornaram bolsas de combatentes estrangeiros e de rebeldes, pois “é vital que cada cidadão iraquiano possa exercer o direito fundamental de escolher um governo”.

Adiamento recusado

Entretanto, num comunicado apre-

sentado na passada sexta-feira, 17 partidos e associações iraquianos, entre eles o do primeiro-ministro interino Iyad Allawi, pediram o adiamento em seis meses das eleições gerais no país.

Esta iniciativa foi lançada pelo sunita Adnane Pachachi, antigo candidato à presidência do Iraque, e os partidos justificam-na com a necessidade de melhoria das condições de segurança para a realização do escrutínio.

No comunicado, os partidos sublinham que “os problemas e os actos terroristas, bem como os preparativos insuficientes ao nível administrativo, técnico e político, impõem a revisão

da data das eleições”. Contudo, logo no dia seguinte, essa proposta foi rejeitada pelo governo interino, bem como pela comissão eleitoral, líderes religiosos xiitas e forças norte-americanas.

Assim, o executivo actualmente em funções garantiu pretender que as eleições se realizem na data prevista, já que “o primeiro-ministro não ficou convencido que um adiamento das eleições conseguirá automaticamente uma mais larga participação”, de acordo com o porta-voz governamental, Thaer al-Nakib.

Já em Najaf, coração xiita do Iraque, os grandes ayatollahs, encabeça-

dos por Ali Sistani, declararam que um adiamento é “inaceitável” e que a questão foi já decidida, de uma vez por todas, pelas Nações Unidas e pelo governo iraquiano. Esta posição foi ainda subscrita pelo presidente norte-americano, George W. Bush.

Perante esta situação, o sunita Adnane Pachachi refreou a sua posição e afirmou que, mesmo que não vejam o seu pedido satisfeito, os partidos subscritores da proposta participarão no escrutínio.

Relativamente a esta questão, José Manuel Pureza, docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, afirma que a efectiva realização de eleições na data prevista “é um dado que fica sempre em aberto, dado o estado de profunda instabilidade no terreno”. No entanto, Pureza refere que “o quarteto, composto por EUA, União Europeia, Rússia e ONU, vai evidentemente insistir até ao fim na manutenção desta data”. O docente conclui, assim, que a realização do escrutínio “é absolutamente imprevisível nesta altura”.

Simultaneamente, os embaixadores dos países membros da NATO aprovaram no passado dia 17, em Bruxelas, o envio de 300 instrutores militares e centenas de guardas e funcionários de apoio para o Iraque. Numa entrevista na passada semana ao diário britânico “Financial Times”, o comandante supremo da NATO na Europa, o general americano James Jones, confirmou que dez dos 26 aliados recusaram enviar forças para o terreno, escusando a identificar os países em causa. Relativamente a este tópico, José Manuel Pureza defende que “esta divisão tem sobretudo a ver com a concepção de trabalho” da organização, visto que ela “está a servir de suporte à concretização dos objectivos políticos de um país ou dois países” e não de toda a comunidade.

Instabilidade na Costa do Marfim

Quebra de cessar-fogo entre governo e rebeldes obriga a ONU a intervir. Clima de guerra civil leva a debandada de estrangeiros

**Olga Telo Cordeiro
Sandra Pereira**

O Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou, no passado dia 15, uma resolução que vem impor sanções à Costa do Marfim e que surge no seguimento dos confrontos entre o Governo e o grupo de rebeldes Forças Novas (FN). O conflito já levou à evacuação de dez mil estrangeiros, dos quais sete mil de nacionalidade francesa, motivados pela explosão de violência local contra os brancos, marcada por inúmeras agressões físicas em Abidjan.

Estas punições passam por um embargo às

armas, pela proibição de viagens e o arresto de bens aos dissidentes, sendo que esta resolução tem como fim a revalidação dos acordos de paz que criaram o Governo de Reconciliação Nacional.

As tréguas que duravam há dois anos cessaram no passado dia 6 de Novembro, quando o governo concretizou um ataque bombista contra as FN que controlam o norte do país, resultando na morte de nove soldados franceses e um civil norte-americano. O bombardeamento ocorreu apesar de o presidente Laurent Gbagbo ter anteriormente afastado a hipótese de uma operação militar para reconquistar o norte da Costa do Marfim. O presidente marfinense alegou que a medida veio na sequência do endurecimento da política governamental para acabar com os protestos de rua, numa altura em que as possibilidades de diálogo com os rebeldes se haviam esgotado.

Em resposta ao ataque, o presidente francês, Jacques Chirac, procedeu a um reforço das suas tropas locais que atacaram o aeroporto internacional do país e destruíram dois aviões e

cinco helicópteros. O presidente da Costa do Marfim classificou a destruição como um “acto de guerra”.

O director do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais (IEEI), Álvaro Vasconcelos, considera que o país se encontra actualmente numa “situação de guerra civil, onde a antiga potência colonial, a França, intervém em nome da comunidade internacional, mas é contestada pelo actual poder, que é um poder claramente autoritário.”

A Costa do Marfim, principal produtor mundial de cacau, vendedora de diamantes, foi considerada como a “Suíça de África” tendo vivido várias décadas de prosperidade, desde a sua independência, em 1960. A partir de 1993 gera-se um período de crise no país, que origina a sua divisão entre norte, controlado pelos rebeldes, e sul, sob o controlo do governo. Situação que marcou o país até Setembro de 2002, altura em que a França intervém propondo um acordo de paz entre as duas facções que foi quebrado o mês passado.

O presidente sul africano, Thabo Mbeki,

tem desenvolvido esforços junto dos rebeldes e do presidente Gbagbo na tentativa de resolver o conflito. Álvaro Vasconcelos não concebe um cenário optimista para o futuro imediato do país e crê que “a comunidade internacional tem mostrado que não tem capacidade para resolver o conflito interno.”

A comunidade internacional, que é representada na Costa do Marfim pelas forças francesas, que Álvaro Vasconcelos considera serem, por um lado, parte da solução e que tem um objectivo de negociação de paz, mas por outro lado são vistos como parte do próprio conflito. O director do IEEI acrescenta que “será muito difícil para as forças francesas sozinhas serem capazes de ser o factor de estabilidade.” Salaria ainda a necessidade de que as forças de manutenção de paz tenham uma relação mais estreita com as forças europeias. O que, para o especialista, não representaria retirar o papel das antigas potências coloniais, que têm um “interesse muito grande” por esses países. “É antes integrá-las no espaço europeu e africano”, explica.

Hoje como antigamente...

Mais do que aprazíveis, são lojas que mantêm uma magia. Como se os anos por ali não tivessem passado. Como se o frio progresso nunca tivesse sido posto em causa naqueles ambientes! Assim se mantêm há décadas lojas do comércio tradicional, no coração da baixa de Coimbra, espalhadas um pouco por toda ela e misturadas muitas vezes no meio de modernos néon e belos objectos de design que decoram montras de produtos que só existem há meia dúzia de anos. Vão resistindo à concorrência, resistem ao progresso, sobrevivem por si só, pela confiança que os anos lhes foram dando e por saberem o nome de muitos clientes de cor, ao passarem as suas portas.

Algumas porque o lucro não compensa ou justifica, outras porque nunca foi posto em causa, outras porque a tradição ainda permanece, não sofrem alterações desde que abriram ao público.

Ao entrarmos passamos a ser o centro das atenções e desfazem-se em amabilidades para nos satisfazerem os pedidos ou o mais próximo disso! A simpatia ainda existe.

Perguntando por uma recente revista, pausada e confusamente responde-me, “umbigo?! Essa não tenho, mas vendo aqui muitas revistas bonitas” disse olhando uma confusa pilha de revistas, na esperança de vender mais qualquer coisa e de me deixar satisfeita!

O interesse é o cliente, satisfazê-lo e cuidar que ali volte! Não pela decoração, mas pela estima que o recebe.

Resulta?

Vai resultando em alguns casos...

As grandes superfícies revoltam-nos e desencorajam-nos, mas a fidelidade de muitos clientes motiva-os para o dia-a-dia!

Por Francisca Moreira



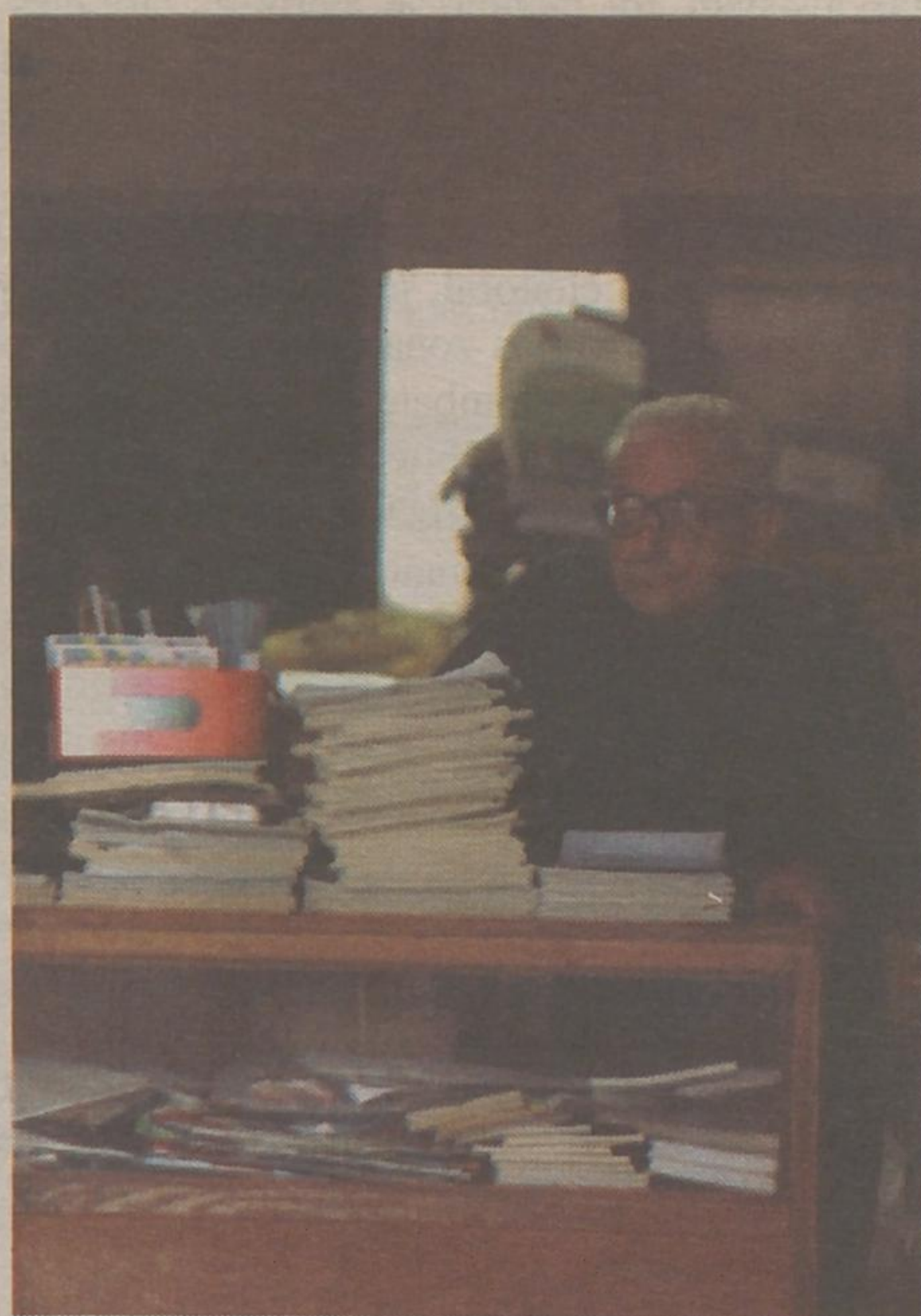
Augusto Neves, Lda. – Ferragens

“Vamos à Casa Neves que é uma casa que tem tudo”. Foi sempre este o lema da loja. E ainda hoje o continua a ser. Passou em Outubro, sem festejo, as bodas de Diamante. É-nos dito que desde que abriram as grandes superfícies comerciais em Coimbra o número de clientes baixou em 70 por cento: “Levaram-nos à ruína!”. “Os preços nem são mais baratos lá! E aqui pode-se comprar uma só unidade. Lá tem de se comprar uma caixa mesmo quando se quer um só parafuso.” – conta com enorme revolta Luís Costa, actual proprietário.



Papelaria, tabacaria Aguiant (“Águia”)

Num pequeno espaço com cerca de dois metros de largura, atrás de um gasto balcão de madeira e junto a pilhas de revistas e velhas caixas cheias de pó, está Emílio Leão. A contrastar com todo este ambiente e os 40 anos que o estabelecimento tem, temos uma moderna máquina de registo dos jogos da Santa Casa da Misericórdia: “Houve uma queda abismal na venda de material escolar quando abriu o Continente”. Rendido, Emílio Leão deixou de vender estes artigos. Com o tempo e porque a saúde também não ajuda, acabou por se dedicar quase exclusivamente aos jogos da Santa Casa da Misericórdia.



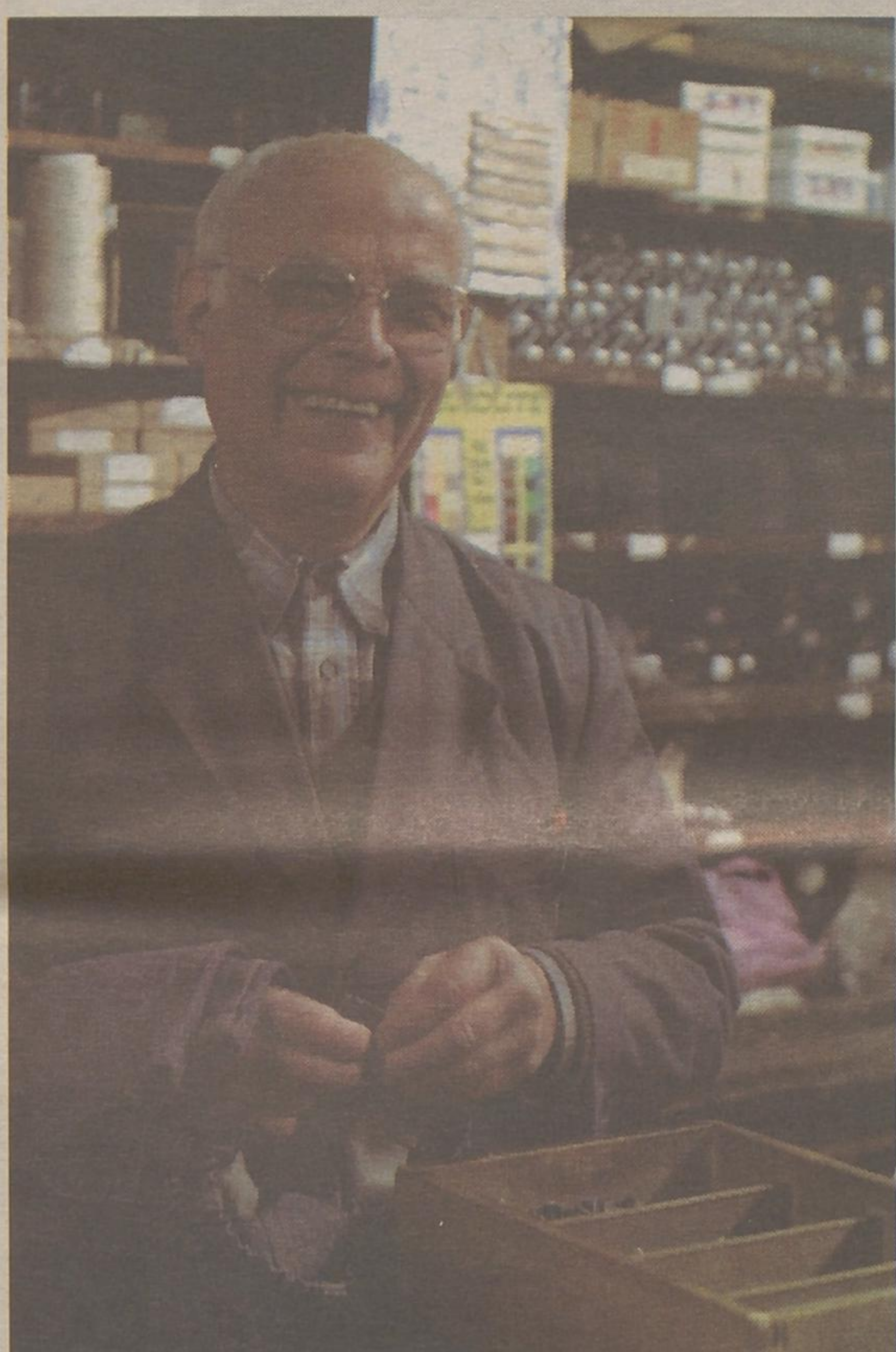
A. Loureiro, Lda. Artigos do lar

Aberta ao público desde 1970, continuam a ter peças únicas que não se vendem em grandes superfícies, ainda assim sentiram também a grande recessão geral com a abertura dos grandes espaços comerciais. Mariázinha Loureiro conta-nos que “aqui há um tratamento especial para as pessoas. Há preocupação!”. Assim, a proprietária do estabelecimento conclui que muitos dos acidentes domésticos são causados pela impessoalidade com que os clientes são tratados nas grandes superfícies. “Uma pessoa vem aqui comprar um aquecedor ou um cobertor eléctrico e nós explicamos todo o seu funcionamento e os cuidados que se devem ter! Lá, eles não se preocupam e nem sabem.”



Sapataria Elegante

A mais antiga de Coimbra, esta sapataria conta já 65 anos. Dezas-seis destes foram também vividos por Cherry, um gato que já se tornou num ex-libris deste estabelecimento. Na sua simpatia e disponibilidade, Carlos Martins, funcionário, dá-nos um outro motivo para que as grandes superfícies tenham tanto sucesso: "Nesses sítios têm-se centenas de lugares de estacionamento e de graça! As pessoas encontram aqui na baixa tudo o que encontram lá, mas o estacionamento é dificultado e caro, levando as pessoas a afastarem-se daqui". Enquanto Cherry vai miando com mimo por ter sido importunado no seu sono, ainda é dito por Carlos Martins que a divergência no trato ao comprador faz toda a diferença. "Nós aqui até já conhecemos o gosto do cliente. Há diálogo, há uma relação de amizade". E este é um dos principais motivos dados, que faz com que o comércio tradicional subsista.



Turibio de Matos & Sobrinho, Lda. Solas. Cabedais.

Uma das mais míticas lojas de Coimbra é a secular Turibio de Matos. Fica na Praça do Comércio e não há ninguém em Coimbra que nunca tenha precisado de alguns serviços que só ali se fazem. Em conversa com Silvino Martinho, que ali trabalha há 58 anos, foi contada um pouco da longa história desta loja. "Antigamente os nossos grandes clientes eram os sapateiros. Todos se abasteciam aqui! Entretanto foram aparecendo as fábricas de sapatos. A máquina começou a substituir os sapateiros... A máquina destruiu toda a gente. Mesmo a nível mundial." Admite que aquele estabelecimento não foi dos mais afectados com a abertura dos novos espaços comerciais, mas ainda assim a diferença foi sentida, "A venda de materiais baixou muito". Os clientes continuam a frequentar a loja para recorrerem aos serviços de costura e quem ainda lá compra os materiais fá-lo porque recebe sempre ajuda e uma explicação da sua utilização.



Os Bragas

José Braga, o dono, já perdeu a conta aos anos da loja. "Minha já ela é há 56 anos, mas já tem muitos mais... deve ter mais de cem!", diz com alguma incerteza.

As antigas e imaculadamente arrumadas prateleiras recheadas de chapéus, bonés, camisas e guarda-chuvas são agora ajudadas a tratar pelos seus filhos. Os clientes que têm são os antigos, já habituados aos seus serviços, ou compradores de ocasião. As grandes superfícies vieram trazer uma boa diferença nas vendas, mas José Braga considera que um outro factor para a baixa de lucros é o facto de terem cortado aquela rua, Visconde da Luz, ao trânsito.

12 CIÊNCIA

Fundação em Coimbra vai passar a gerir espólio científico de museus

Novo Museu das Ciências deverá abrir em 2006

Ao fim de uma caminhada, que já conta com dez anos, começa a concretizar-se a criação de uma fundação que albergue o espólio de museus da Universidade Coimbra, ao qual se juntará o do Museu Nacional da Ciência e da Técnica

Catarina Rodrigues
Marta Santos

Coimbra vai acolher o futuro Museu das Ciências. Trata-se de uma fundação que será responsável por juntar diversos museus da Universidade de Coimbra (UC) e o Museu Nacional da Ciência e da Técnica. O espólio das faculdades de Medicina, Farmácia Ciências e Tecnologia, bem como do Museu Botânico e do Observatório Astronómico, será integrado nesta nova estrutura.

O novo museu, cuja abertura está prevista para 2006, terá as futuras instalações no Laboratório Químico e no Colégio dos Jesuítas. Ambos os edifícios precisam de obras de reestruturação. Os trabalhos já tiveram início no Laboratório Químico, mas estão atrasadas devido à descoberta de uma cisterna (possivelmente medieval) e de um refeitório jesuíta do século XVI. As obras serão basicamente de requalificação dos edifícios, para dotá-los das condições necessárias para albergarem as várias exposições.

Uma ideia antiga

Já em 1994 tinha surgido a ideia de um Museu das Ciências da UC. Mais tarde, o ex-ministro da Ciência e do Ensino Superior, Pedro Lynce, avançou com a possibilidade de a UC se responsabilizar pelo Museu Nacional da Ciência e da Técnica (MNCT). A universidade lançou então a hipótese de se fundar um museu científico em Coimbra.

Os fundadores desta iniciativa foram a Universidade de Coimbra, a Câmara Municipal de Coimbra, o Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior e do Ministério da Cultura, que demonstraram desde

logo interesse no desenvolvimento do pólo. De acordo com Paulo Gama Mota director do MNCT e docente de Antropologia na UC, este será um pólo dinamizador, agora e no futuro, da cidade de Coimbra, e, eventualmente, será de interesse internacional caso seja concretizado com sucesso.

Segundo o responsável, serão criadas condições com o objectivo de possibilitar aulas e investigações utilizando o espólio cedido ao museu. Será ainda criado um núcleo pedagógico, com a finalidade de introduzir os professores à existência de determinadas experiências pedagógicas que ainda se encontram pouco divulgadas. Neste âmbito, vão ser realizadas palestras e workshops incidindo nas exposições que estiverem patentes ao público. Haverá, igualmente, monitores que passarão demonstrações relativas às exposições.

Falta de verbas

Embora ainda não seja certo, prevê-se que a primeira exposição se intitule "Enigmas da Matéria: das estrelas aos átomos". O objectivo é a realização de uma mostra onde se explique o complexo mundo da matéria à luz de várias ciências, como por exemplo o estudo da composição da superfície do planeta Marte, que é feito através de sondas que captam os átomos da atmosfera por meio da espectrofotometria que os estudam. Esta experiência junta as áreas da astronomia, física e química. Também estarão patentes exposições temporárias.

Apesar de ainda estarem várias ideias sobre a mesa, Paulo Gama Mota explica que se pretende criar um ambiente acolhedor, conjugando a qualidade dos objectos com o meio envolvente, que passará pelo jogo de luzes, pela biblioteca do livro antigo e pela parte de restauração.

O docente afirma que todo o projecto é aliciante, mas ressalva que há falta de verbas. Ao todo, o orçamento do projecto ronda os 15 milhões de euros. O projecto candidatou-se ao Programa Operacional da Cultura, do qual aguarda resposta. A alternativa seria recorrer a patrocinadores privados, mas, afirma Gama Mota, é difícil convencê-los. Outra hipótese será formar uma Liga de Amigos, que proporcionará "pernas para andar".



Museu Nacional da Ciência e da Técnica junta-se aos museus da Universidade de Coimbra em fundação única



CASTELLO LOPES
CINEMAS

C.C. Girassolum
Coimbra

A PROJECTAR EMOÇÕES. DESDE SEMPRE.
Peça já o seu cartão cliente nas nossas bilheteiras e descubra as vantagens

Próximas estreia:

02 . dez - ALEXANDRE

Realizado por OLIVER STONE
Com: COLIN FARRELL, VAL KILMER,
ANGELINA JOLIE, ANTHONY HOPKINS

DESPORTO 13

Briosa batida em Penafiel

Grande penalidade provocada por Dionattan marca decisivamente a partida

Penafiel dominante acaba por vencer os “estudantes” que não conseguiram manter nível exibicional da última partida

Patrícia Costa
Rui Simões

Depois de um empate caseiro, frente ao Belenenses, num jogo em que a Académica fez por merecer mais do que o ponto obtido, os “estudantes” deslocaram-se a Penafiel, para defrontar a equipa local, num jogo a contar para a 12ª jornada da Superliga. Já a equipa visitada vinha de um empate a dois golos em Moreira de Cónegos.

Numa tarde não muito convidativa à prática de futebol, encontraram-se duas equipas com necessidade de pontuar, em virtude do seu posicionamento, ex-aequo, com onze pontos, no 13º lugar. João Carlos Pereira apostou num 4-4-2, com meio-campo em losango, formado por Vasco Faisca, Dionattan na direita, Ricardo Fernandes na esquerda, e Rafael Gaúcho como organizador de jogo, no apoio aos dois avançados Luciano e Dário. Na zona defensiva a única alteração foi a entrada de Nuno Luís para o lugar de Nuno Piloto, mantendo-se o restante trio - Zé Castro, José António e Fredy - na protecção às redes de Pedro Roma.

A partida iniciou-se com vários ataques por parte dos penafidenses aos quais a Briosa ia respondendo em contra-ataque, com 15 minutos iniciais intensos, mas sem grandes momentos de futebol.

Ao minuto 17, o Penafiel deu o primeiro sinal de verdadeiro perigo, com uma iniciativa de Mariano, que rematou para defesa incompleta do guarda-redes acadêmico. Três minutos depois, no seguimento de uma jogada de combinação entre Pedro Moreira e Rolf, Clayton, ao primeiro poste, abriu o activo.

O golo dos rubro-negros espевitou



Incapaz de pontuar, a Académica aproxima-se aos poucos do fundo da tabela

os “estudantes”, que partiram para a ofensiva, criando vários lances de perigo. Com a partida a ganhar velocidade, Dário, esteve, por duas vezes, muito próximo do golo, acabando por, numa delas, cabecear ao poste.

Com a partida dividida, numa toada de parada e resposta, após dois lances de perigo do Penafiel, a Académica repôs a igualdade aos 41 minutos, num golo de belo efeito, apontado por Rafael Gaúcho, que fez a bola entrar junto ao poste esquerdo da baliza de Nuno Santos.

O segundo tempo iniciou-se com a equipa penafidense mais balanceada no ataque, em busca do segundo golo. Após diversas oportunidades desperdiçadas, e contrariadas pela defensiva dos de Coimbra, os visitados chegaram ao golo, através da conversão de uma grande penalidade, concretizada por Wesley, depois de falta infantil de Dionattan sobre Clayton.

Sem deixar a Briosa respirar, os rubro-negros acabaram por, logo de seguida, fazer o 3-1, com Roberto a

marcar de cabeça, em recarga a remate de Edgar Marcelino. Este tento acabou por estabelecer o resultado final, sem que a Académica tivesse conseguido reduzir a diferença, apesar de, nos minutos finais, se ter revelado

bastante ofensiva.

A partida terminou, assim, com uma vitória justa dos penafidenses, que, no entanto se traduziu em números exagerados, e demasiado penosos para a equipa de João Carlos Pereira.

Briosa em posição aflitiva recebe Sporting

Após a derrota em Penafiel, a Académica caiu para o 15º lugar da Superliga, estando apenas um ponto acima da linha da água, onde se encontram Beira-Mar, Gil Vicente e Moreirense.

Assim, a recepção ao Sporting reveste-se de especial importância, visto que um resultado negativo diante dos leões - vindos de uma vitória caseira, diante do Moreirense - poderá atrasar os academistas na luta pela permanência na Superliga. Já uma eventual vitória será bastante moralizadora para os pupilos de João Carlos Pereira.

Para a equipa leonina, esta partida será igualmente importante, pois qualquer deslize poderá atrasá-la dos primeiros lugares do campeonato, da mesma forma que uma vitória pode permitir a subida de algumas posições, numa Superliga repleta de surpresas.

Depois de derrotas por 2-1 e 2-0, nas duas últimas recepções aos “leões”, a Briosa procurará inverter esta tendência negativa de resultados. O Académica - Sporting realiza-se no próximo domingo, pelas 21h15, no Estádio Cidade de Coimbra.

Orabolas!

António Gil Leitão

Opinião

Académico vs OAF

“Nestas eleições para o OAF, já se tocou com o dedo na ferida”

O tempo de eleições é, por essência, tempo de análise, de reflexão, de discussão, de confronto de ideias e de projectos. Nestas eleições para o Organismo Autónomo de Futebol (OAF), já se tocou com o dedo na ferida.

Desde que me lembro, discute-se se o OAF deve ou não preservar e incrementar a sua ligação à Casa Mãe, à Associação Académica de Coimbra (AAC), ou se pelo contrário deve desligar-se dela, tornar-se o clube da cidade de Coimbra e, nessa medida, um clube igual a todos os outros - porque está como todos os outros numa competição profissional e deve usar das mesmas armas. Mas, em época de eleições, essa questão estratégica era sempre esquecida, ou pelo menos, as duas facções não se apresentavam a confronto - até estas eleições.

O que divide as duas candidaturas é precisamente o valor que dão ao passado e à essência do OAF. De facto, a candidatura da oposição surge como resposta à política do presidente cessante, que foi marcada pelas rupturas constantes com o ser académico e com o que isso representa. Há, é preciso dizê-lo sem subterfúgios, dois modelos em confronto: pela oposição, a defesa do OAF; pelo candidato do poder, a defesa ao regresso do Clube Académico de Coimbra.

Da “velha” académica, apenas pretendem manter um símbolo parecido, as recordações históricas e pouco mais. Tudo é resto é modernidade. E esta, é sabido, não se compadece com valores, objectivos sociais e humanistas. A modernidade impõe um olhar empresarial e a formação cívica caberá a outros, mas não certamente a um clube de futebol. Porque enquanto OAF, fazendo parte da estrutura da AAC, há que respeitar os Estatutos da AAC e estes são um entrave óbvio à modernidade.

É claro que, como tudo na vida, os “bons” não estão num lado e os “maus” noutro. Há boas ideias e pessoas com indiscutível valor em ambos os lados. Mas, para mim, o desafio da AAC/OAF é ser moderno, aproveitando o passado e não se esquecendo dele. Fazer da essência da Académica uma mais valia económica, cumprir o papel social que ocupa na sociedade portuguesa. O que a distingue dos outros é a sua marca distintiva. Mantê-la, não é apenas importante por questões emotivas.

A marca distintiva da Académica é o que pode assegurar, economicamente, o seu futuro. É este o desafio da modernidade.

OAF sempre, Académico nunca mais!

Voleibol volta a desiludir

Frente ao líder, os “estudantes” só ofereceram resistência no último set

Pedro Galinha
Jens Meisel

Em jogo a contar para a 10ª jornada do Campeonato Nacional de Voleibol, a Académica, a jogar no seu reduto, averbou mais uma derrota por 0-3, desta feita com o líder Sport Lisboa e Benfica.

Num fim-de-semana de jornada

dupla, em que a Briosa já se havia deslocado ao terreno do Sporting de Espinho, onde acabou por sair derrotada por 3-2, os estudantes voltaram a perder ante um Benfica demasiado forte e bastante superior.

À mercê de muitos erros técnicos, por parte da Académica, o Benfica viria a superiorizar-se facilmente graças à eficácia de dois jogadores: Dudu e André França.

Num pavilhão bastante entusiástico, a Académica nunca conseguiu impor o seu jogo perdendo o primeiro set pelos parciais de 18-25, isto apesar de um bom início de partida. Os remates de Valdir Sequeira e Marco Ruel

foram determinantes para uma provisoría vantagem da equipa conimbricense que, no entanto, não consumou.

No segundo parcial o domínio encarnado foi, mais uma vez, indiscutível. A perder por 0-1, a Académica lançou-se no ataque, investida que se viria a revelar infrutífera pois o bloco benfiquista estava impenetrável. O set terminou com um concludente 11-25.

No terceiro e derradeiro set do jogo, os “encarnados” voltaram a impor toda a sua força e experiência. Apesar de ter sido um set em que o Benfica se viria a adiantar no marcador muito cedo, a Académica tentou ainda, nos instantes finais, lutar pelo set. No en-

tanto, o último parcial terminou, novamente, com vitória da equipa encarnada (22-25).

No final do jogo, ambos os treinadores foram unânimes quanto à leitura do jogo. Para Rui Vaz de Castro, treinador da Briosa, “a inexperiência e a juventude” foram determinantes para o resultado final.

Questionado sobre as possibilidades do Benfica na presente temporada, o treinador dos encarnados, José Jardim, afirmou que “a chegada às meias-finais dos playoffs é o principal objectivo”. No entanto, o técnico não esconde o desejo de se sagrar campeão nacional.

Basquetebol perde com o líder

Num jogo equilibrado os "estudantes" sofreram a primeira derrota caseira, por 87-89, frente ao Física de Torres Vedras

Martha Mendes
Bruno Vicente

Em jogo a contar para a oitava jornada da Proliga a Académica, em décimo primeiro lugar na tabela classificativa, defrontou o primeiro classificado da corrente época, o Física de Torres Vedras. A jogar perante o seu público, os "estudantes" perspectivavam destronar a invencibilidade da equipa visitante, que alcançou em sete jogos o mesmo número de vitórias.

O treinador academista, João Jaime Moutinho, apostou num cinco inicial composto por Hugo Loureiro, Zane Gilliard, Miguel Gaspar, Eduardo Santos e Fernando Sousa. A Académica viu-se privada do seu poste americano, Dwight Anglade, que se encontra fora do país devido a assuntos de ordem pessoal. No entanto, apesar da desvantagem dos atletas da Briosia em relação à estatura física dos adversários, os "estudantes" apresentaram boa coordenação entre si, o que equilibrou a partida.

Na primeira parte as equipas entraram em campo decididas a pontuar rapidamente, ritmando o jogo com uma toada acelerada, que viria a ser uma constante até ao apito final. Desde o primeiro período que o Física de Torres Vedras, fazendo jus ao seu nome, apostou na estrutura física dos seus atletas, praticando um jogo agressivo.



O basquete da Académica continua a lutar por um lugar nos playoff

Assim, só no primeiro período, os torreenses cometeram oito faltas. Estas penalizações, para além de resultarem na expulsão de dois jogadores da equipa visitante, possibilitaram a marcação de diversos lançamentos livres, que deram à equipa da casa um total de 27 pontos, de entre os 87 conquistados.

O equilíbrio foi uma constante, como comprovam os parciais registados ao longo do jogo: 14-14; 35-36; 45-47; 76-77; 84-85.

Na recta final do encontro, e com apenas 40 segundos para jogar, Hugo Loureiro concretizou um lançamento exterior, fazendo o empate (87-87) e devolvendo a esperança na

vitória à equipa da casa. Porém, uma jogada onde o Física de Torres Vedras apostou no jogo interior acabaria por resolver o jogo, fixando o resultado final em 87-89.

O base torreense Miguel Rosa foi preponderante na equipa, contribuindo com quinze pontos em triplos. Por seu lado, na equipa academista, Zane Gilliard e Hugo Loureiro igualaram a qualidade do jogo exterior da equipa adversária, acumulando sete triplos. Hugo Loureiro esteve em plano de destaque, com 40 pontos conquistados (15 em lançamentos livres, 16 em lançamentos de dois pontos; nove em lançamentos de três pontos).

No final do encontro, João Jaime Moutinho, treinador academista, referiu, a propósito da boa exibição de Hugo Loureiro, que "ele fez o seu papel, mas perdemos. Temos carências a nível da defesa interior e não arranjámos soluções para parar o jogo interior do adversário".

Com este resultado, os "estudantes" mantêm-se fora dos lugares que dão acesso aos playoff, com três vitórias e cinco derrotas. Esta semana, a equipa de Coimbra realiza dois jogos, ambos fora de portas. O primeiro terá lugar hoje à noite, contra o Vasco Rádio Popular, e o segundo neste fim-de-semana, frente ao Vitória SG.

Coimbra recebe desporto universitário

Ana Bela Ferreira

Depois de um campeonato de judo no mês passado, a Associação Académica de Coimbra (AAC) acolhe um torneio de karaté e um de ténis, já no próximo semestre. As competições integram-se nas provas da Federação Académica de Desporto Universitário (FADU), responsável pela realização de várias provas ao nível nacional, sempre disputadas por estudantes universitários.

A AAC é uma das dez entidades fundadoras da FADU. De acordo com o coordenador-geral do Pelouro do Desporto da AAC, Ricardo Lino, a participação dos estudantes de Coimbra nas competições da FADU tem sido "muito positiva, uma vez que a associação académica tem equipas muito fortes". O responsável pela participação coimbrã na FADU acrescenta ainda que a AAC "acaba sempre com campeões nacionais em diversas modalidades colectivas, bem como em competições individuais". Já este ano, Coimbra acolheu uma prova de judo, na qual quatro atletas da academia tiveram lugares no pódio: um primeiro lugar, um segundo e dois terceiros.

Apesar dos resultados positivos, o responsável refere que algumas das modalidades contam com pouca participação porque "as provas da FADU costumam ser durante a semana, quando as pessoas estão a ter aulas". De forma a colmatar esta falha, aponta a "criação de um horário de competição só para estudantes universitários".

Na FADU cabe às associações académicas fazer a selecção dos atletas e convocá-los para competir ao nível nacional, nas diversas competições universitárias, que se dividem em torneios, ligas e open's. Tal como explica Ricardo Lino, no "campeonato nacional só se faz uma prova", enquanto que "os torneios se dividem em três ao nível nacional". Estes apuram o finalista para as fases finais, que se realizam em Maio e que constituem o "ponto mais alto da actividade da federação".

Ricardo Lino refere ainda que "apesar da AAC competir todos os anos na FADU há já bastantes anos que não se realizavam provas na cidade", uma situação que o Pelouro do Desporto se tem esforçado por inverter. De acordo com o coordenador-geral, o objectivo é "fomentar o desporto universitário em Coimbra e obrigar as secções a ter mais atenção ao desporto universitário". E faz questão de sublinhar que "não são só as secções que competem: qualquer estudante universitário pode participar".

Futsal obtém primeira vitória fora

A Académica venceu na Gafanha, por 5-0, na 8ª jornada do Campeonato da 2ª divisão

João Campos
Diana do Mar

Depois de dois jogos sem ganhar, Francisco Batista apostou num cinco inicial composto por João Manuel, Zito, Batalha, Moreira e André Matos.

Desde início que a Académica tomou o controlo do jogo. André Matos e Moreira deram os primeiros sinais de perigo para a baliza de Paulo Cruz. A formação do distrito de Aveiro conseguiu sustentar a pressão com Adão a obrigar João Manuel, o guarda-redes

da Académica, a aplicar-se.

Ainda na fase inicial da primeira parte, os "estudantes" sofrem uma contrariedade: André Matos sai lesionado e é substituído por Benedito. Esta situação não contrariou a tendência do jogo, e Batalha, com uma série de três remates, "assustou" a equipa da casa. Por outro lado, através de iniciativas individuais de Marco e Luís Mota, o Gafanha mantinha a defensiva academista atenta.

O golo acabou por surgir a meio da primeira parte. Tiago Teixeira é lançado pela direita e, sem dificuldade, bate o guarda-redes Paulo Cruz. Pouco depois, Duka, em bom trabalho individual, vê o seu remate ser interceptado em cima da linha por Marco.

Após um desconto de tempo a equipa da casa reagiu, com André Gramata e Luís Mota a obrigarem João Ma-

nuel a duas boas defesas. Daí até ao intervalo, assistiu-se ao melhor período do Gafanha, com várias oportunidades, destacando-se um remate de Marco à barra. Ainda antes do intervalo, Rui Moreira falhou por centímetros o segundo golo.

A segunda parte iniciou-se com a defesa de Paulo Cruz a um remate de Zito. Com este começo, não surpreendeu que a Académica ampliasse a vantagem, com Pichel a antecipar-se de cabeça ao guarda-redes adversário. Este golo acentuou ainda mais o sentido do jogo, e Tiago Teixeira dispôs de duas oportunidades, convertendo uma com sucesso. Era o 3-0 para a Briosia.

Os "estudantes" dominavam a partida e o Gafanha surgiu com tímidos ataques. Isto não impediu o guarda-redes João Manuel de "brilhar", com várias intervenções, apesar da ausên-

cia do "castigado" Gouveia.

A meio da segunda parte, a Académica aumentou a contagem. Batalha faz um passe cruzado para Pichel e este bate Paulo Cruz pela quarta vez.

Mesmo a vencer por 4-0, Zito e Duka continuam a dar trabalho à defesa da equipa da casa. Pichel lançou Duka, que correu o meio campo e, quase sem ângulo, obteve um golo de belo efeito, colocando o marcador em cinco tentos de diferença.

Até ao final do encontro, destaca-se a actividade do massagista da Académica (Ricky e Bicho tiveram de sair por lesão) e a expulsão directa de André Gramata, após agressão a Moreira. Com este resultado, a Briosia passa a somar 11 pontos e mantém-se no oitavo lugar da tabela classificativa. Na próxima jornada, os "estudantes" recebem o Paredes.

a Jigsaw
www.ajigsaw.com

Autocarros Gratuitos

Praça da República: 22:30; 23:00

Le Son: 03:00; 04:00; 05:00

convidados especiais: STRANGEVERSION

Gorsage

Apoio:

Raí

ACABRA

Diário de Coimbra

beiras

VIA

dartemusica

XENAX

tbz

Le Son 23h
04 Dez

rewind

musicactiva

100

Noites com Jazz - segunda parte

O festival apoiado pelo município de Coimbra aposta nas novas sonoridades

Amanhã começa a segunda parte dos Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra no Teatro Académico de Gil Vicente. Um festival que se prolonga até sábado

João Alexandre
Nuno Braga

A segunda parte dos Encontros (a primeira decorreu em Março) arranca com um espectáculo destinado sobretudo aos mais jovens. A abrir o evento, o Jazz ao Centro Clube (JACC) presenteia as escolas de Coimbra com os Will Holshouser Trio, uma formação composta por Will Holshouser, um experiente acordeonista, Ron Horton (no trompete) e David Phillips (no contrabaixo). Além de constituírem um trio com créditos firmados no mundo do jazz estes músicos são também professores em Nova York e vêm a Portugal não só para mostrar as suas novas sonoridades, mas também para ensinar aos mais jovens um pouco da mística deste género musical. O espectáculo vai funcionar, em parte, como um concerto normal, mas vai ter também uma diferença significativa - os músicos irão interagir com a plateia numa espécie de aula.

Já à noite, pelas 21h30, são os Adam Lane Quartet que actuam. Esta formação tem como pilar fundamental o improvisado e esta é uma actuação que promete muita inovação. O quarteto é composto por Adam Lane no contrabaixo, John Tchicai no saxofone, o famoso trompetista Paul Smoker e o baterista Barry Altschull.

O segundo dia do festival vai contar com a apresentação, no foyer do

TAGV, pelas 18h, do livro Poezz - uma recolha de textos e poemas que fazem referência, directa ou indirecta, ao jazz. Às 21h30 actuam novamente os Will Holshouser Trio, num formato mais convencional do que o do dia anterior, onde terão oportunidade de demonstrar o misto de sonoridades urbana e folk, passando pelo tango, klezmer ou pela tradição da balle musette parisiense. Para finalizar a noite está agendado um concerto com a participação da única presença portuguesa: Bernardo Sassetti, sobre quem recaem grandes expectativas.

Para a despedida dos encontros, o JACC traz a Coimbra os há muito esperados Spring Heel Jack, acompanhados por Wadada Leo Smith no trompete. Este projecto faz uma incursão do jazz pelo mundo da electrónica passando por influências da world music. A vontade de chegar a públicos mais jovens vê nesta formação uma mais valia devido à sua sonoridade mais contemporânea, que foge ao jazz mainstream. Os Spring Heel Jack são compostos por John Edwards no contrabaixo, Mark Sanders na bateria e os inseparáveis Ashley Wales e John Coxon na electrónica e guitarra, piano respectivamente.

Os preços deste festival são de dez euros para a primeira noite e 12 para as restantes, sendo o bilhete geral de 25 euros. Os estudantes têm uma redução de dois euros no preço original e o bilhete geral é de 20 euros.

"O Jazz está na moda"

A aposta deste ano para os Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra incide num ciclo de oito concertos, dividido em duas partes. A primeira ocorreu nos dias 25, 26 e 27 de Março e a segunda tem lugar entre amanhã e sábado. Para o presidente do JACC, Pedro Rocha Santos, "houve um esforço para oferecer um leque mais amplo" neste

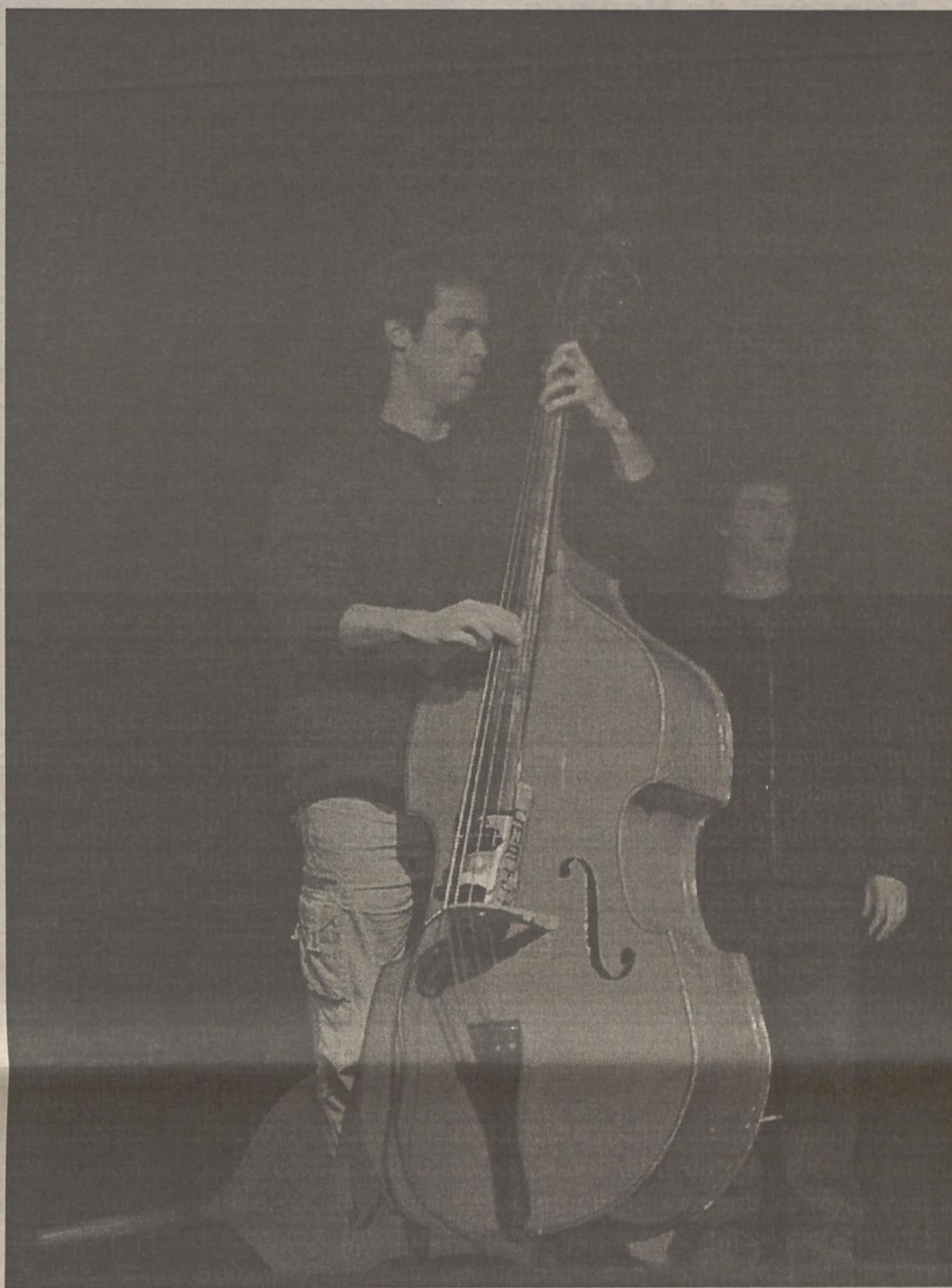
segundo encontro, tendo a organização apostado em desviar-se um pouco "da linha do jazz puramente livre que norteou o festival de 2003".

O formato adoptado este ano superou as expectativas e a direcção do JACC está a fazer tudo para que o formato se mantenha em 2005. A única diferença será nas datas do festival que, tudo indica, serão alteradas para Junho e Novembro. O presidente do JACC afirma que irá fazer os possíveis para estabilizar as datas futuras, de modo a criar uma fidelização do público, "para que as pessoas se habituem que em Coimbra, naqueles meses, existam os Encontros".

A par dos Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra surgiram muitos outros festivais que suscitam a divulgação do género pelo país mas Francisco Neves, vice-presidente do JACC, lamenta que só exista um trabalho superficial e refere que "cada vez mais o jazz está na moda, porém, em relação a um trabalho de fundo, para além dos concertos, está muito por fazer". O JACC, sendo uma estrutura que ganhou importância a nível nacional, está "empenhado em ir além dos espectáculos". Para isso, e numa tentativa de consolidar o clube, a direcção delineia uma estratégia que passa por uma forte aposta no ensino. O concerto para as escolas é uma forma de criar o gosto pelo jazz diz Francisco Neves: "As pessoas são preconceituosas em relação a este género musical. O jazz é uma música de raiz negra, uma música espiritual e um desafio à imaginação".

O espectáculo de quinta-feira é uma forma de incentivo que Francisco Neves, o vice-presidente, espera que resulte já que, a curto prazo, o JACC espera ter a sua "própria escola de jazz e que esta seja uma alternativa para os jovens que queiram aprender música".

FRANCISCA MOREIRA



A mística do jazz volta a Coimbra no próximo fim-de-semana

Dois anos de jazz, ao Centro

O Jazz ao Centro estreou-se no ano de 2003 a propósito da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 com a intenção de criar uma diferença no panorama do jazz nacional. Pedro Santos afirma que "foi fulcral criar uma linha artística diferente dos tradicionais festivais do género". Para o presidente do clube, o primeiro festival teve um balanço muito positivo já que foi reconhecido nos Estados Unidos como sendo "um dos melhores do mundo".

Em 2004 foi adoptado um novo formato que resultou bem. Até agora, a primeira parte foi aclamada pelo público, que apreciou os músicos, e Pedro Santos espera também que a segunda parte seja bem sucedida.

Mulher para todos os gostos

Com movimentos sublimes e graciosos, a companhia Larumbe Danza pretende revelar a dimensão do poder da feminilidade ao público conimbricense

Paula Costa
Carla Moura

"Mujer.es" estreia no dia 7, pelas 21h30, no Teatro Académico de Gil Vicente. O espectáculo é constituído por duas coreografias. Ambas pretendem abordar a problemática da existência feminina na sociedade contemporânea. O principal objectivo desta representação é suscitar questões que arrebatem a men-

talidade: Como se enxergam as mulheres? É complicado ser mulher? Ser mulher é algo de vocacional ou genético? Questões que vão encontrando resposta no decorrer do espectáculo.

A primeira parte, denominada Casidiosas (Quase Deusas), está sob a responsabilidade de Daniela Melro, que pretende criticar o universo feminino. Já Teresa Nieto, convidada especialmente para este projecto, tem a cargo a segunda parte do espectáculo, designada Dudo? (Dúvido?). Produziu as coreografias partindo exclusivamente da sua experiência pessoal e artístico-profissional.

Em "Mujer.es", as duas artistas pretendem realçar o problema de género - um conceito vindo da sociedade patriarcal - em que tende a existir a procura de um outro, remetendo para o conceito de "alteridade". As mulheres buscam mulheres, podendo ser deusas, escri-

vas, executivas, taxistas, mães, top models, escritoras, meretrizes, enfermeiras, bancárias, entre outros conceitos, todos eles importantes. Assim, por um lado, as mulheres são o prisma principal da esfera feminina. E, por outro lado, os homens apenas servem de referência de poder e de mero desejo.

O produto final é expressamente coerente e ágil, porque não impõe limites à imaginação. Logo, o efeito é paradoxal, sendo os sentimentos múltiplos, jogando com a cumplicidade, a angústia, a dúvida, o amor e o desgano. Na verdade, fazem parte de um percurso existencial de um ser-humano. É através do movimento que se percebe uma cumplicidade de encontros e desencontros que se direccionam ao íntimo das pessoas. É neste sentido, que estas duas mulheres se reflectem no espelho social, de modo a alcançarem a autocritica e a afirmação da sua

feminilidade, tentando correr o risco não de exagerar, de se tornarem antimachistas e panfletárias.

A companhia Larumbe Danza está oficialmente sediada, desde de 2002, em Coslada, Espanha. Este centro de criação coreográfica foi desenvolvido com o intuito de formar um grupo de elementos, no âmbito da coreografia. Daí que, tenham desenvolvido um vasto conjunto de projectos de índole cultural, nomeadamente, visitas escolares, ensaios abertos, ciclos de conferência, onde intervêm múltiplas personalidades. De modo a desenvolverem as suas actividades, contam com apoio do Ministério da Educação e da Cultura, da Associação de Profissionais de Dança de Madrid, do Departamento de Cultura do Ministério dos Assuntos Exteriores, da Fundação Autor e Comunidade de Madrid e do Município de Coslada.

“O cinema é uma fonte de inspiração muito grande para fazer música”

Imagens de filmes de “Fellini, David Lynch ou Pedro Almodôvar” povoam o imaginário do “cinema” de Rodrigo Leão. Um álbum com colaborações de vozes muito especiais, agora apresentado ao vivo com três temas inéditos

Liliana Figueira
Carina Fonseca
Marta Poiars

A CABRA falou com Rodrigo Leão na semana em que o compositor/músico regressou a Coimbra para dois espectáculos no Teatro Académico de Gil Vicente. O seu último álbum “Cinema” foi o mote para uma conversa sobre arte, beleza e melancolia.

“Cinema” foi lançado em Junho e até agora já vendeu mais de 25 mil cópias, tendo-se tornado Disco de Ouro. Como encara este sucesso?

Bom, primeiro que tudo, fico contente — eu e a equipa que trabalhou neste disco, os músicos e os produtores, que são fundamentais. Penso que, numa primeira fase, o mais importante é estarmos contentes com o trabalho que fizemos, independentemente de vender ou não.

Tendo em conta até que as salas têm estado quase sempre todas esgotadas...

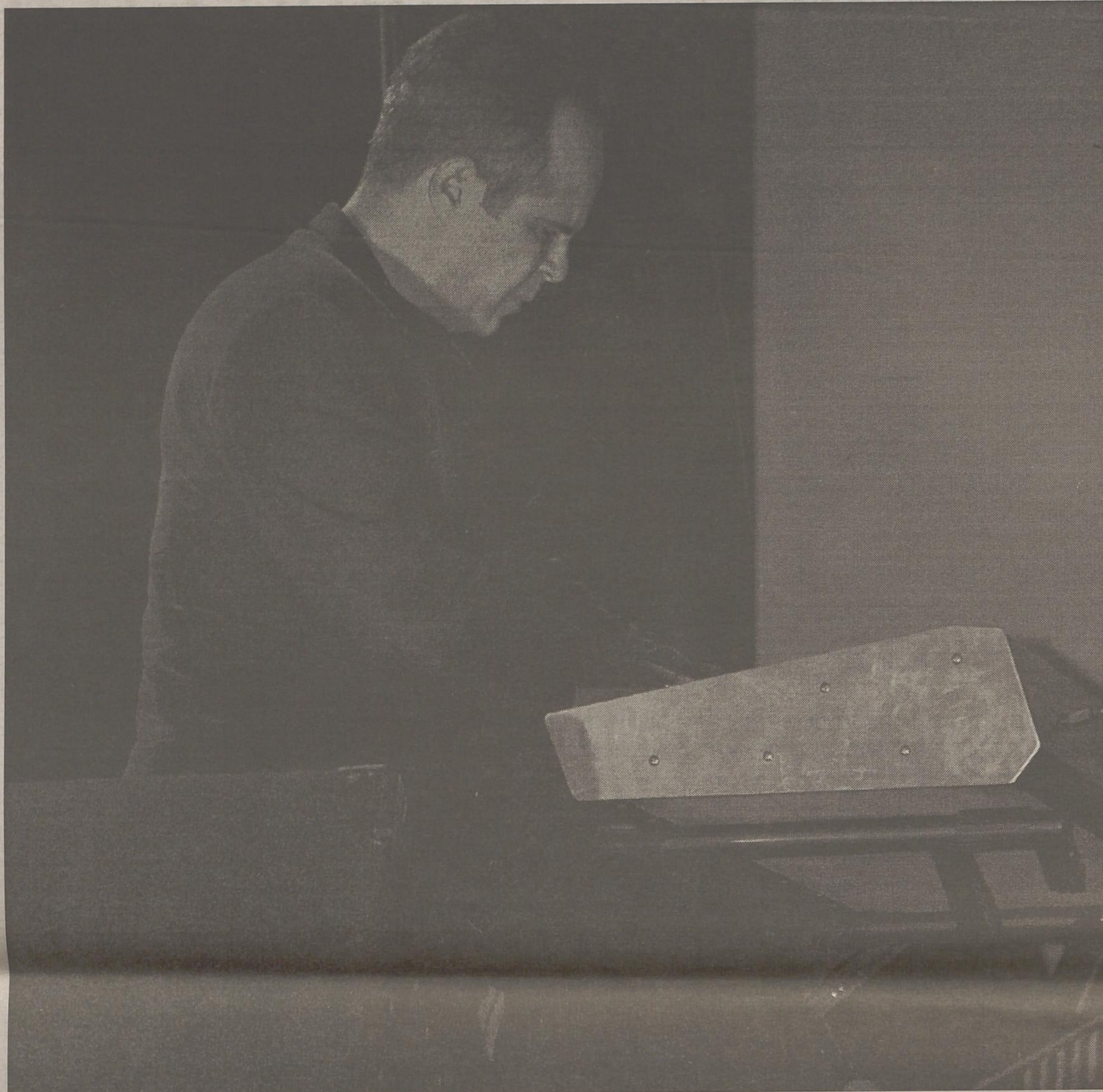
Sim, isso também porque, se pensarmos que só desde há três ou quatro anos é que começámos a fazer mais espectáculos... Penso que foi precisamente a partir daí que começou a haver um contacto mais directo com o público, através dos concertos.

Que filmes invoca este “Cinema”?

O cinema é, de uma forma abstracta, uma grande inspiração para eu fazer música; e há filmes e realizadores que eu admiro muito que, de alguma forma, estão presentes neste disco. Casos como David Lynch, Fellini ou Pedro Almodôvar... O cinema é, sem dúvida, uma fonte de inspiração muito grande para termos vontade de fazer mais música.

No caso concreto do concerto em Coimbra, este não vai contar com a participação de nenhuma das convidadas que fazem parte de “Cinema”. Porquê?

Bom, porque a Sónia Tavares está fora... e a Beth Gibbons está em Inglaterra, a trabalhar... E, portanto, este tem sido o concerto que temos feito ao longo desta tournée, com a Ana Vieira a interpretar vários temas do disco e temas também mais antigos. O que acontece é que, de vez em quando, há a oportunidade de termos ou a Sónia Tavares ou, neste caso especial, a Beth Gibbons... e quem sabe, de futuro, a Helena Noguerra.



Rodrigo Leão actuou ontem no Teatro Académico de Gil Vicente

E quem são estas vozes que nos visitam: Ana Vieira e Celina da Piedade?

A Celina da Piedade é a acordeonista do grupo que já trabalha comigo há quatro anos, desde logo a seguir ao “Alma Mater” e começou por cantar o “Pasión” por brincadeira, porque a voz da Lula Pena é insubstituível... Até hoje, [Celina] tem sido uma pessoa que cativa muito o público e a presença dela é muito forte. A Ana Vieira é a voz que consegue interpretar melhor estes temas todos tão diferentes — em francês, inglês, castelhano, português...

Em relação ao alinhamento dos concertos da digressão, há alguma novidade, modificação?

Às vezes há... Bom, porque os espectáculos são sempre diferentes, as salas são diferentes, o som é diferente, as luzes, as pessoas... Nós tentamos estabelecer um alinhamento que dá para a digressão toda, mas depois, pelo meio, acontece haver um tema novo ou tiramos algum tema antigo...

Mas sabemos que foram retirados os temas em latim... Porquê?

Sim, porque os temas mais antigos não encaixavam muito bem neste concerto que estamos a fazer agora e, de facto, seria muito difícil conjugar estas duas vertentes tão diferentes, do lado mais ligado à música clássica e deste lado mais liga-

do à canção. Mas os temas cantados em latim foram afastados naturalmente para esta tournée, não quer dizer que, depois, na próxima, não voltem a aparecer.

Na “Cinema Tour”, há três temas inéditos. Como surgiram?

São temas que foram compostos há muito pouco tempo, antes de começarmos a tournée, precisamente por esses temas em latim terem saído do alinhamento... Para já, tive vontade de compor e de facto saíram umas ideias que eu achei que valiam a pena.

“A língua não tem sido nem é o mais importante na música que faço”

“Os meus filhos têm estado muito presentes nestes últimos discos”

Como foi trabalhar com artistas como Beth Gibbons, Sónia Tavares ou Helena Noguerra?

Foi um processo muito espontâneo, aliás como eu penso que é o meu trabalho todo — muito intuitivo. Nós gravámos maquetas em casa e enviámos para essas pessoas, até porque, mais do que músico sou um compositor e, então, tenho necessidade e oportunidade de poder convidar pessoas que acrescentam alguma coisa ao trabalho que faço.

Disse, anteriormente, que os seus filhos são uma forte influência no seu trabalho. Até que ponto considera a sua família uma fonte de inspiração?

São muito importantes, a família acima de tudo, e alguns amigos que estão mais perto de nós, as viagens que fazemos... São sentimentos e presenças muito fortes na minha música. E os meus filhos, sem dúvida que têm estado muito presentes nestes últimos discos. [No “Cinema”] há dois temas — “Rosa” e “António” — que são uma espécie de dedicatória aos meus filhos.

A melancolia é presença assídua nos seus trabalhos — é algo intencional, que cultiva?

Na música, sem dúvida. Há uma melancolia que eu acho que é muito portuguesa. De facto, vivemos aqui junto ao mar e penso que essa melancolia está muito presente na música que eu faço.

A arte é uma maneira de sugar a beleza da vida?

É, sem dúvida. E penso que é também, muitas vezes, uma forma de fugirmos àquelas coisas do dia-a-dia, às coisas más que se passam no mundo.

Jorge Lima Alves escreveu que um dia iria ter que explicar por que evita tão escrupulosamente o português de Portugal. O que tem a dizer acerca disto?

O que eu acho é que a língua não tem sido nem é o mais importante na música que faço. Se considerarmos que nos Sétima Legião ou nos Madredeus a língua era importantíssima, o meu trabalho tem sido muito instrumental. A língua vem sempre depois da melodia, do tema. Não é determinante.

Em palco...

Francisca Moreira Opinião

Quando a imagem nos ultrapassa...

“Ghosts”

De Julião Sarmento
CAV - Pátio da Inquisição
De Terça a Domingo
das 10h às 19h
Até 26 de Dezembro
Entrada Livre

Felizmente decidi ir sozinha. Felizmente não estava lá ninguém.

De forma irrisória aproximava-me lenta e discretamente da projecção que já lá não estava. Corria. Silenciosa e descoordenadamente, corria para as projecções na esperança de que esperassem por mim. Por fim, consegui! Era um homem. Um homem de camisa escura. Era ele que se escondia de mim!

No meio, estavam duas crianças... vinham da esquerda, vinham da direita ou cada uma de seu lado. Fugiam à minha presença ou paravam em frente como que a trocar de mim.

A mulher da ponta entrava ao mesmo tempo que eu. Vinda do lado oposto, ou acompanhando o meu movimento como um espelho. Parava ao centro da abóbada e apoiava os braços um no outro, na pose de quem esperava algo, que não alguém. Sentia-me embaraçada... abandonava o espaço, mas regressava na expectativa de que a sua atitude mudasse. Não mudou.

Por ali me mantive durante algum tempo, calcoteando apressadamente aquelas três abóbadas numa quase propositada irracionalidade infantil.

O nada, as crianças, a mulher. A mulher, as crianças, o nada. O nada, as crianças, a mulher. Mulher, crianças, homem! Nada, crianças, mulher.

Com sede de mais, subi ao primeiro andar e numa sala, lá estava ela! A única que conhecia! A mulher que tinha aparecido na fotografia do artigo que anunciava a exposição. Aparecia numa sala vazia, com um chão encaixado, contrastando com o ambiente urbano e sujo que albergava os outros quatro no andar de baixo. De saia escura e blusa branca, com aspecto de executiva, o salto dos seus sapatos já se ouvia antes da parede branca ser totalmente atravessada. Ela sim, esperava alguém. Olhava o relógio, olhava os lados, ignorando-me sempre. Trauteava uma canção imperceptível ao meu ouvido. Abandonei-a. Decidi ir embora.

Descei as escadas e quase a sair, não resisti... voltei àquele corredor de projecções. Para minha surpresa o homem da camisa escura ficava então estático no centro da projecção como que a observar-me. As crianças continuavam num reboliço e era agora a mulher de camisa branca e calças escuras que fugia sempre que me aproximava. Já os conhecia a todos.

Esta instalação de vídeo interactiva foi criada por Julião Sarmento. Um artista plástico nascido há 56 anos em Lisboa. Expôs em nome individual pela primeira vez em 1976, representou Portugal na Bienal de Veneza em 1997, sendo neste momento um dos mais prestigiados artistas portugueses no nosso país e a nível internacional.

Tendo a imagem e o som o intuito de interagir com o público, o resultado é totalmente eficaz.

ESTÓRIAS 17

0Vida Moderna - 5º Episódio

A Rotina

As manhãs abrem os céus com uma luz cristalina que magoa os olhos, tornada quente e flamejante ao entardecer, para logo se dissipar com o pesado regresso da escuridão nocturna. A vida na Grande Cidade como que acompanha esse desenvolvimento da luz. Com o brilho inaugural os autómatos dirigem-se em prolongados carreiros para o centro empresarial, onde se acumulam durante o dia, até ao doce momento crepuscular, quando desanuviam pelos mesmíssimos carreiros, apressadamente, rumo ao covil, para o merecido descanso quotidiano.

Evidentemente que também existem fluxos, ténues mas persistentes, que contrariam a tendência generalizadora acima descrita. Consistem essencialmente em autómatos que trabalham no horário nocturno, vivendo numa espécie de negativo fotográfico do postal turístico mais vendido nas lojas da zona comercial, para além de indigentes continuamente excluídos de e por um sistema cada vez mais exigente, mas proporcionalmente desresponsabilizado perante obrigações morais insistentemente rotuladas de anacrónicas e passadistas. São, no entanto, vidas que habitualmente não se cruzam com



FRANCISCA MOREIRA

a de K., essa momentaneamente preenchida pela fixação de agradar à chefia do seu emprego, onde chegará sempre com largos minutos de antecedência, pelo menos durante os primeiros meses de actividade.

A rotina diária apodera-se gradualmente de K., toldando-lhe os gestos, os movimentos, as vontades, os humores, em suma, aprisionando-o a um programa previamente estabelecido, sem o mínimo teor de espontaneidade. Poder-se-á opinar que terá sempre a liberdade de fazer o que bem entender fo-

ra do horário laboral, menosprezando-se o cansaço. Mas fazer o quê, onde e com quem, se subsiste sempre um limite, uma hora, um meio de transporte, uma tarefa para cumprir em casa, que mina qualquer possibilidade de obter genuíno prazer?

Reciprocamente, uma ida ao cinema tem de ser planeada com um dia de antecedência, tal como um encontro com um velho amigo, uma passagem pela livraria preferida ou um mero passeio pela zona ribeirinha, momentos normalmente reservados para o fim-de-sema-

na, quando o tédio ressarcido substitui a volúpia dos dias de trabalho. Não há, portanto, verdadeira liberdade para os autómatos, prisioneiros de si mesmos, obrigados a tomar uma vida imposta. E K. é, sempre foi, particularmente conformado com o presente estado de coisas. Pior, prefere não pensar muito nisso. Não tem tempo. Ainda não se apercebeu que a desobediência não necessita de tempo mas, ironia das ironias, de força de vontade. Vontade de contradizer o discurso dominante e falsamente conciliador dos esboços de serviço. **Gustavo Sampaio**

Crónicas do Paraíso

Paulo Nuno Vicente

Ou o velho que tingiu a morte

Era afinal um choro de fim do mundo.

Os tipos desempregados, as rotativas acelerando, o velho ali para o lado, dado como enferrujado e passadiço, em anti-relato, sem futuro desembainhado e uma idade cada vez mais dinossáuria.

No secular palácio da imprensa, enterravam-se as chapas e o lazúli. Vinham as máquinas, sem o gosto das mãos esmagadoras em negro de chumbo, mudavam-se os condes e os barões, as cadeiras. E o velho convulso aventurou-se à desordem.

Migrou do espanto de tanto e feroz futuro e encaixotou-se numa subcave.

De passado cercado, mares de jornal e pó, como quem fizesse de si uma muralha ou trincheira, o velho gráfico transpirou silenciado um desassossego sem nome, mais que subterrâneo, epidérmico.

A tempestade durou meses. Tão incontáveis que seriam anos ou mesmo vidas repetidas. Mal respirava para dar de comer à fome e à insónia. Ressonava ali mesmo, ainda que pouco, ajeitado entre teias, comichões e uma lua enjaulada que tantas noites fugia para não mais saber.

O assalto ardeu lento, tomou balanço no escuro, acabou por raiar. Do fundo das horas, amanheceram as montanhas esmagadoras de papéis impressos com a cor do ódio, papéis guerreiros com o timbre de uma voz perdida, folhas ao mundo.

Com o vento pelas costas, como um veleiro animado pela noite, o velho-sem-nome colou-as por tudo. Cidade dentro e fora, como um vampiro sedento de palavras francas, em portas e janelas do poder, de ministérios e secretarias, gabinetes e repartições, casinhas e casarões, jardins e esquinas avessas. Assim corria o mais aguerrido estudante do anarquismo.

Depois, luminoso, regressou à masmorra terra-enfiada. Deixou-se cair e levar pelo sono perpétuo, de onde — rezam evangelhos e lendas, e até relatórios policiais — não mais se evadiu.

Enquanto o corpo pesava no chão, e se descascava, a cidade escorregava em alarme. As palavras do velho levado pesavam como o chumbo que lhe fez demorar a vida. A desgraça calhou a muitos. Também a vergonha.

Os vizinhos desconfiaram do cheiro. Os especialistas requintaram. As polícias de colarinho branco, gabardinadas, aparelharam-se sofisticadamente. E descobriram que a morte era um segredo. Ao destrancar da subcave, os engomados surpreenderam o podre e a gráfica secreta montada, e o impresso original.

Era afinal um choro de fim do mundo.

cronicas_do_paraíso@hotmail.com

(Na) Primeira Pessoa

A minha casa

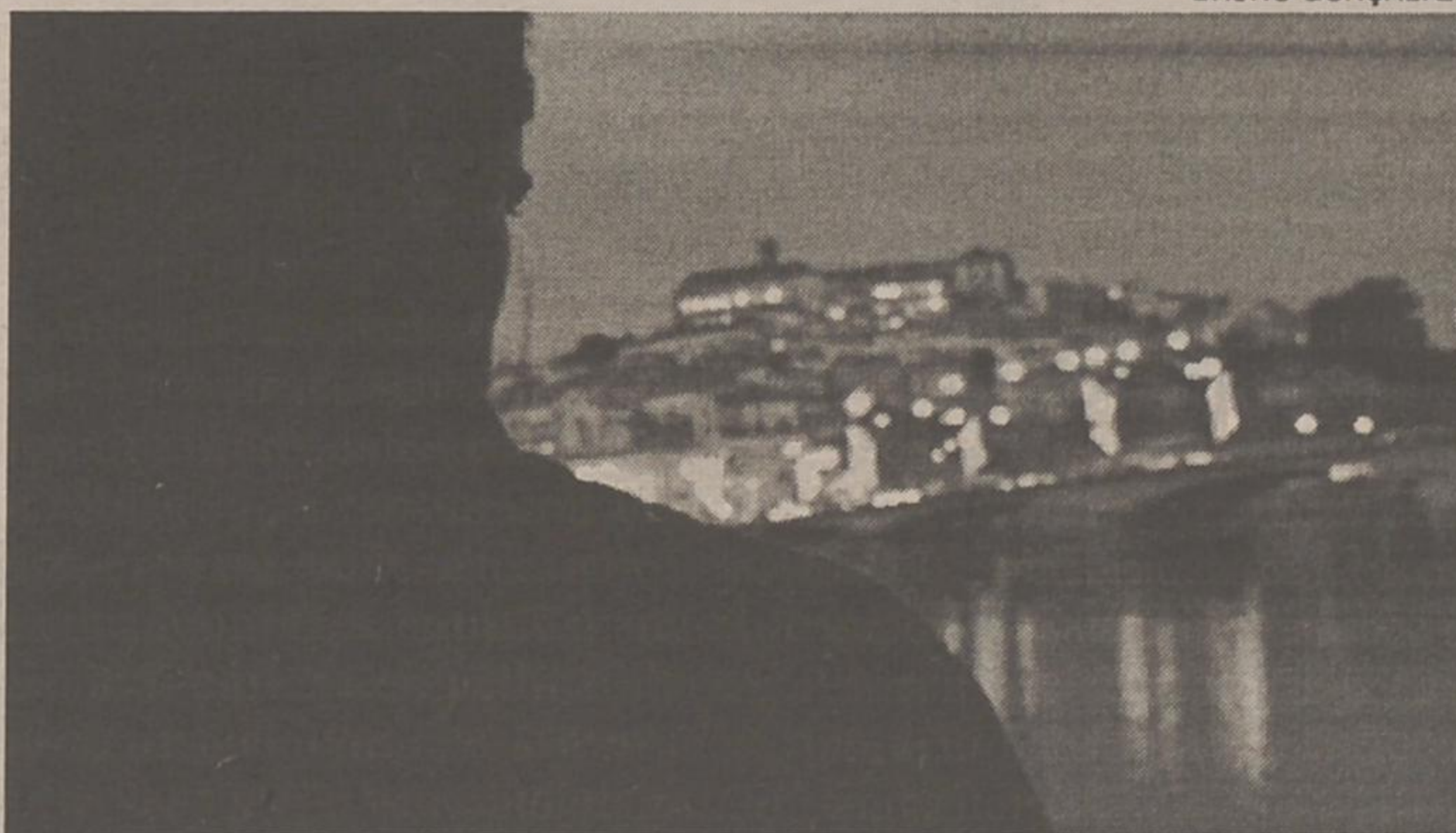
Estranho hábito este de escrever de madrugada. Quando os normais teimam em acordar, é que lavro estas letras já tremidas. E, portanto, vou escrever da cidade que parece agora acordar. Não é a minha cidade, mas é esta que agora vou cantar, já que é por cá que hoje e amanhã vou habitar.

Coimbra não nos cativa à primeira vista, nem nos seduz num segundo olhar, mas acaba por nos conquistar, lenta e subtilmente. Em cada dia, mais um bocadinho de mim fica por cá entranhado, impregnado, atado por laços de aço a cada espaço.

Porque há um misticismo em cada parte. Há a magia negra das capas que me vestem, há o som densamente terno dos fados que me embalam, há toda uma história que toco, sinto e procuro incorporar a cada dia: Coimbra é uma guitarra sem igual.

Coimbra é um sem-número de verdes, que agora ocupo. De Penedos de Saudades. De jardins de vastas cores e estórias (que são histórias), escondidas entre a vegetação, junto com choros mal dissimulados e beijos adiados.

Coimbra é também o sítio da minha casa, que não só o sítio do quarto em que existo ocasionalmente, mas sim da minha casa presente bem aí. Que a minha casa - que caseiro que sou... - é onde sei que posso estar, é onde não hesito repousar, é onde me restabeleço a qualquer hora. E a minha casa é bem junto de vós. A minha casa são vocês - sim, vocês! - que estão aqui. A minha casa é onde posso sempre estar. É onde quero sempre es-



BRUNO GONÇALVES

tar. Bem aqui, perto de vós. Bem juntinho, onde o meu todo se preenche e completa. Aí, aqui, junto de ti.

Coimbra tem a minha casa. São vocês. És tu.

Rui Simões

Os restantes cronistas de "(Na) Primeira Pessoa" escrevem, esta semana, em acabra.net.

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director João Pereira **Chefe de Redacção** Tiago Pimentel **Editores:** Francisca Moreira (Fotografia), Margarida Matos (Ensino Superior), João Campos (Cidade), Rui Simões (Nacional/Internacional), Bruno Gonçalves (Desporto), João Vasco (Cultura), Rita Delille **Secretária de Redacção** Filipa Oliveira **Paginação** Bruno Gonçalves, Filipa Oliveira, Nuno Braga **Redacção** Adalgisa Leitão, Ana Bela Ferreira, Ana Maria Oliveira, Ana Martins, André Ventura, Bruno Costa, Bruno Fernandes, Bruno Vicente, Carina Fonseca, Carina Valério, Carla Pinto, Carla Santos, Cláudio Vaz, Diana do Mar, Gustavo Sampaio, Helder João Pinto, Joana Montenegro, Joana Moreira, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaqui, Liliana Carona, Liliana Guimarães, Marília Frias, Marisa Soares, Marta Piores, Nuno Braga, Nuno Curado, Olga Telo Cordeiro, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Pedro Santos, Rúben Figueira, Rui Pestana, Sandra Dias, Sandra Ferreira, Sandra Henriques, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Tiago Almeida, Tiago Pereira Carvalho, Vitor Aires, Vitor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores** Andreia Ferreira Andreia Rocha, António Gil Leitão, Arlete Moraes, Carla Moura, Cláudia Sousa, David Jacob, Helena Fagundes, Inês Subtil, José Miguel Pereira, Laura Bastos, Marisa Ferreira, Paula Costa, Ricardo Martins, Rosa Ramos, Sandra Pereira, Soraia Ramos, Teresa Neto **Fotografia** Ana Maria Oliveira, André Pereira, Bruno Costa, Bruno Gonçalves, Bruno Vicente, Carla Pinto, Cláudio Vaz, Daniel Sequeira, Helena Paulino, Joana Fonseca, José Sousa, Marta Santos, Milton Moreira, Pedro Costa Gomes, Pedro Bonifácio, Rui Couto, Rui Velindro, Susanã Ventura **Publicidade** Joana Moreira - 239821554; 919879569 **Impressão** - FIG-Fotocomposição e Indústrias Gráficas, SA - Coimbra, Telefone. 239 499 922, Fax: 239 499 981, e-mail: fig@fig.pt **Tiragem** 3000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

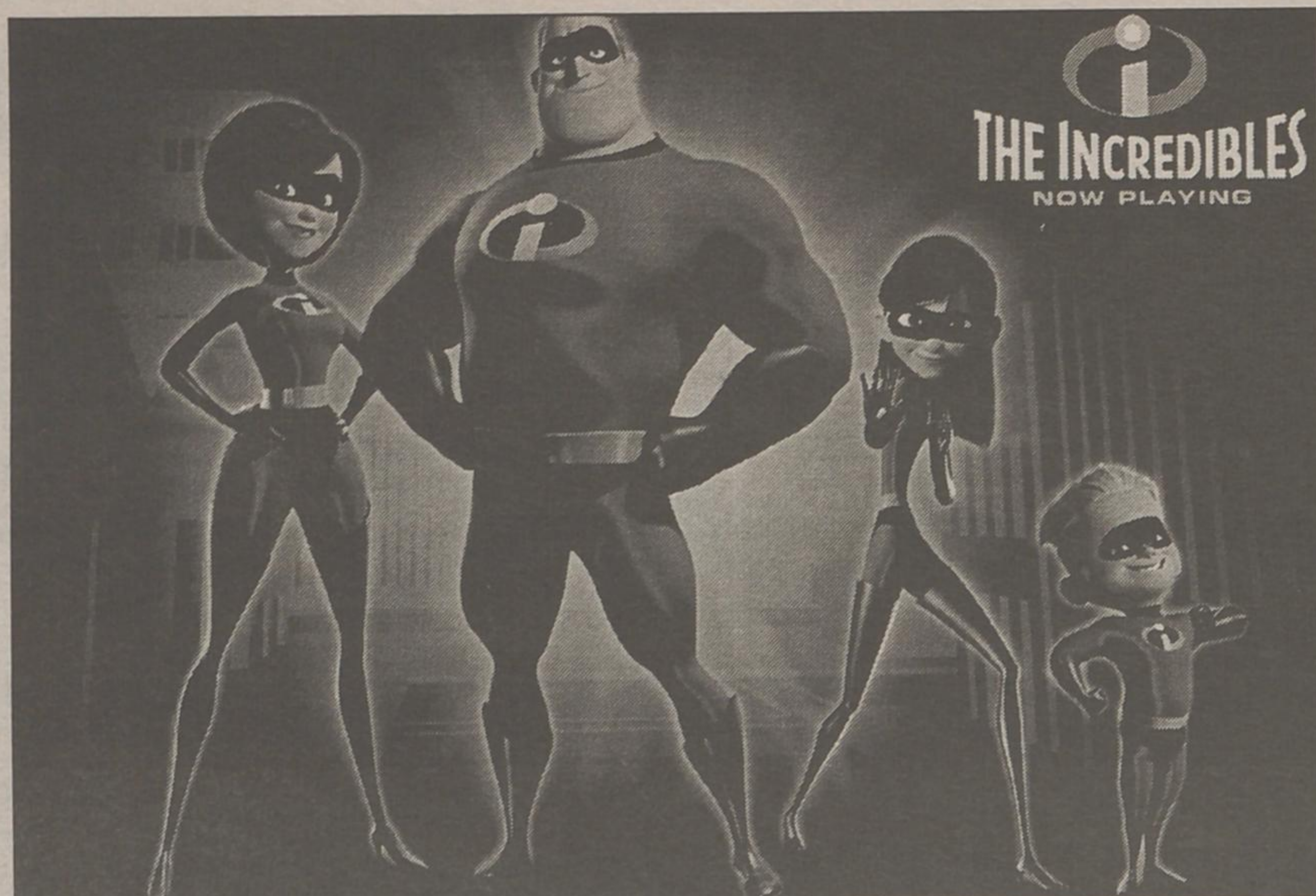
A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 - Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: cabra@aac.uc.pt

Vê-se...



Digital invencível

A Pixar, que tem somado êxitos atrás de êxitos – “Finding Nemo” é o mais recente –, surge agora com este “Os Incríveis”, filme sobre uma família de super-heróis que tenta sobreviver em maus tempos para a sua classe profissional. Apesar de, na véspera das últimas eleições americanas, ter sido apontado como exemplo de filme secretamente anti-Bush, não se pode dizer que “Os Invencíveis” chegue a esse ponto.

Vamos a ver: há realmente uma originalidade, a invejar por muito Joel Schumacher, no modo como “Os Invencíveis” trata a intimidade do super-herói. Ou seja, mais do que mostrar as contradições e sugerir a esquizofrenia da divisão herói/identidade secreta – o que a saga “Homem-Aranha” começou a fazer bem e vai sem dúvida exagerar até ao (nosso) vómito –, este novo filme parte da identidade secreta (quotidiano familiar instável, problemas no trabalho) para chegar à de super-

–herói. Pondo de outro modo, n’ “Os Invencíveis” o super-herói aparece como adjectivo à intenção de levar uma vida comum. É uma inversão da visão tradicional interessante e que não funciona mal, principalmente quando é mais explicitamente “adulto”, ou seja, quando retrata os problemas de meia-idade dos protagonistas ou as questões adolescentes dos filhos.

Não há a sucessão frenética de “gags” de “Schrek”, nem a magia visual de “Finding Nemo”, embora se note que a animação digital avança para novos níveis de perfeição (o fogo, o fumo e as superfícies metalizadas impressionam). Aqui, o prato principal é só um bocadinho de coisa boa envolto em puré James Bond/Missão:Impossível/Guerra das Estrelas. “Os Invencíveis” entretém, mas falta-lhe algo de ruptura e de novo, e esse foi o último obstáculo que não soube saltar. **Jorge Vaz Nande**

Teoria da conspiração

Pode parecer demasiado forçado, excessivamente conspirativo ou mesmo absolutamente paranóico, mas até os desenhos animados produzidos hoje em dia parecem inspirar-se fortemente na concepção norte-americana do mundo – intrinsecamente hobbesiano – pós-11 de Setembro, servindo como um meio muito subtil de difusão da mais pura propaganda política e cultural. E a mais recente longa-metragem de animação da muito elogiada Pixar, intitulada “The Incredibles”, representa um exemplo verdadeiramente paradigmático dessa alarmante tendência.

O que dizer de Buddy Pine, um miúdo que não tem “super-poderes” mas é o maior fã de Mr. Incredible e teima em irromper nas suas missões de salvamento, acabando por atrapalhar a sua prossecução? Não faz lembrar a “velha” Europa que não tem capacidade militar para acompanhar as missões da super-potência mundial, os “incríveis” Estados Unidos da América, atrapalhando as suas incursões imperialistas? E o que dizer da terrível mani-

pulação dos media que obriga a um maior comedimento dos grandes super-heróis, que depois de um período de maior resguardo acabam por regressar, de forma incontornável, ao activo, salvando o mundo de um enorme descalabro? Não faz lembrar o presente regresso ao “activo” dos Estados Unidos da América, com operações militares em vários pontos de um mundo que precisa dos seus “super-poderes” – militares, entenda-se – para ser salvo de uma enorme catástrofe provocada pelas famosíssimas, mas nunca encontradas, armas de destruição maciça dos soturnos países do maquiavélico “eixo do mal”?

As crianças podem não perceber. Os leigos sorridentes também não. Mas a verdade é que estes desenhos animados de hoje têm muito pouco de inocente, pois difundem mensagens subtis que se entranham no sub-consciente. Por essas e por outras é que depois as pessoas confundem, ingenuamente, as omnipresentes personagens de Osama Bin Laden e de Saddam Hussein.

Gustavo Sampaio

The Incredibles / Pixar

Gustavo Sampaio	Um meio muito subtil de difusão da mais pura propaganda política e cultural.	
Jorge Vaz Nande	Desaconselhado a quem tenha grandes expectativas, aconselhado a quem as tenha regulares.	
Rui Pestana	A Pixar não consegue construir um título tão atraente como “Shrek”, da sua concorrente Dreamworks.	
Tiago Almeida	Tão espantoso como qualquer feito do Mr. Incredible, é a fórmula de sucesso no percurso da Pixar.	
A evitar	Fraco Podia ser pior Vale o bilhete	
A Cabra aconselha	A Cabra d'Ouro	
Todas as críticas em acabra.net .		

Joga-se...

Football Manager 2005

O Alverca sofreu uma chicotada psicológica a meio da época 2004/2005 e foi buscar o treinador do União de Lamas que impelia a equipa para a subida de divisão. Agora que estamos na pré época 2005/2006 o Alverca prepara-se para uma luta renhida para o regresso à Superliga portuguesa. Este é o cenário no jogo que tenho neste momento a correr no Football Manager 2005 (FM 2005). Este é o sucessor do Championship Manager 03/04 (CM 03/04), pelo menos no que toca à software house que o produz. A Sports Interactive (SI) e a EIDOS tiveram um divórcio amigável no ano passado onde uma ficou com o jogo (a SI) e a outra com o nome do Championship Manager (a EIDOS). No fundo, este FM 2005 é a evolução do CM 03/04 com um novo nome. Com uma base de dados com mais de 200.000 jogadores e a possibilidade de criar táticas com pormenores de dar ordens específicas a cada um dos jogadores em campo é impossível este jogo não apelar ao espírito português do treinador de bancada. Depois de desenharmos a tática está na altura de a vermos em prática. Longe vão os tempos de apenas vermos três barras a andar para cima e para baixo (nas versões mais antigas do CM) e a tentar adivinhar o desempenho dos jogadores. Agora podemos ver o jogo em tempo real ou acelerado. E os jogadores não andam apenas para onde as suas pequenas chuteiras (é a maneira de ficarmos a saber para onde estão virados) os levam. Eles comportam-se de acordo com as mais de vinte características, escondidas e visíveis, que possuem. Um remate, passe, finta ou fífia, vê-se de tudo dentro de campo. No resto da época podemos treinar os jogadores, isto com a ajuda dos treinadores. Para essa parte podemos criar planos específicos de treino para um conjunto de jogadores ou para determinada época do ano. Tudo dividido sempre entre dois treinos de manhã e um de tarde com actividades tão diversas como treinos de agilidade, remates, passes, corrida ou levantamento de pesos. Depois de delineadas as actividades basta escolher os treinadores e preparadores físicos que vão estar a dar estes treinos. Uma das grandes novidades para esta versão é uma maior interactividade com os meios de comunicação social. Agora podemos



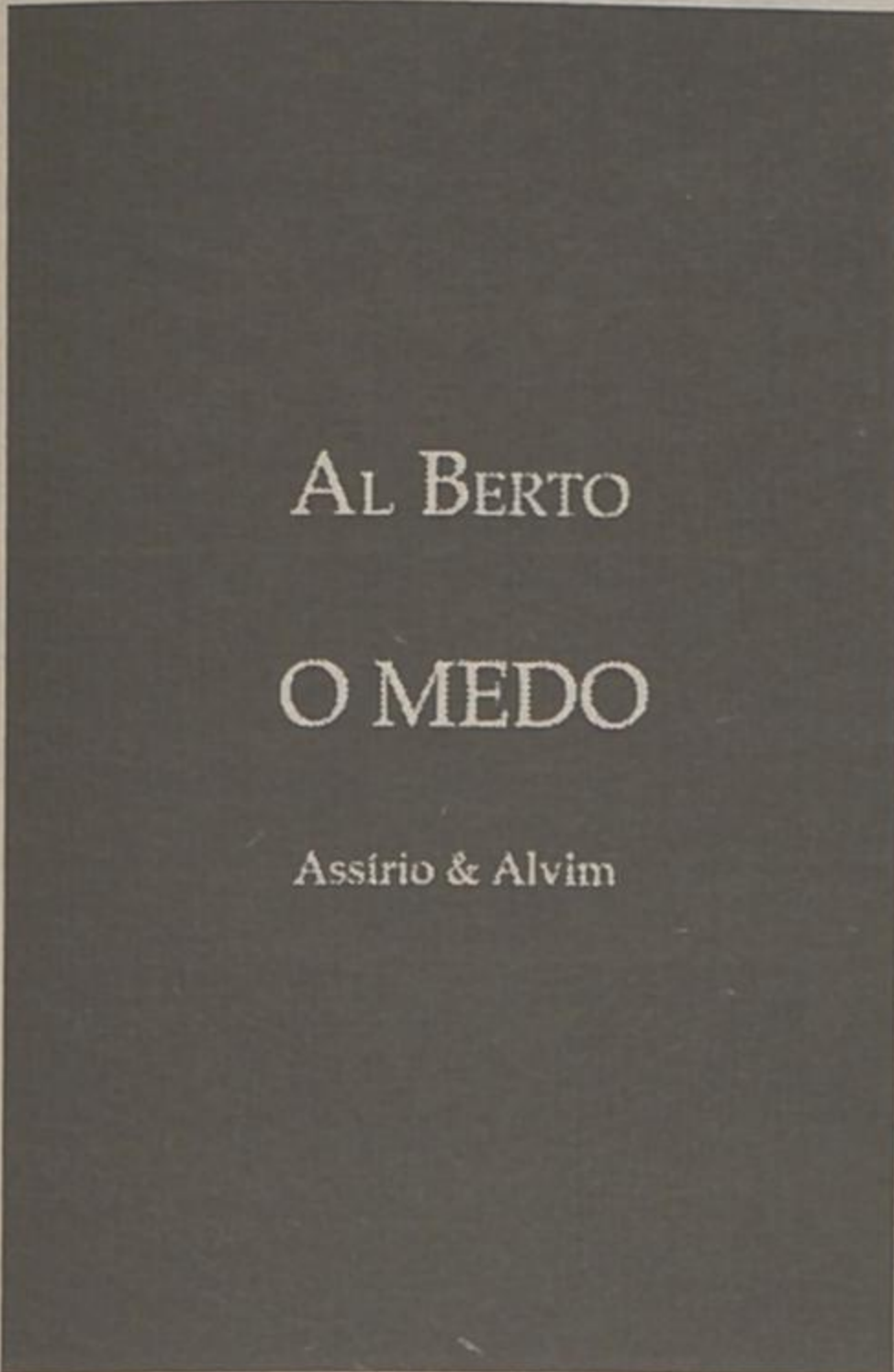
Sports Interactive

“Football Manager 2005”

comentar um adversário passado ou futuro ou outro treinador qualquer do jogo sempre que nos apetecer. Isso abre caminho para amizades ou inimizades no próprio jogo. Isto pode facilitar ou dificultar a transferência ou empréstimo de jogadores. Pode também servir para motivar os jogadores antes de jogos importantes. Nas transferências podemos oferecer jogadores em troca de outros, fazer pagamentos faseados, oferecer parte dos lucros de uma próxima venda, dar mais dinheiro se determinados objectivos forem atingidos entre outras coisas. Nos contactos com os jogadores há agora a possibilidade de terminar um contrato por mútuo acordo. A negociação dos contratos continua igual aos jogos anteriores. Este é um jogo para todos os fanáticos do futebol que possuem uma costela de Mourinho.

Nuno Curado

Lê-se...



Al Berto

“O Medo”

Assírio & Alvim, 1997.

10/10

Lembrando Al Berto

“Abandonado vou pelo caminho sinuosas cidades. Sozinho, procuro o fio de néon que me indica a saída. Eis a deriva pela insónia de quem se mantém vivo num túnel da noite. Os corpos de Alberto e Al Berto vergados à coincidência suicidária das cidades”.

Eis assim o livro primeiro de “O Medo” de Al Berto, nascido em Coimbra, num texto de há 30 anos. “O Medo” é um conjunto de textos dispostos em catorze livros, com a amplitude temporal de 22 anos (de 1974 a 1997).

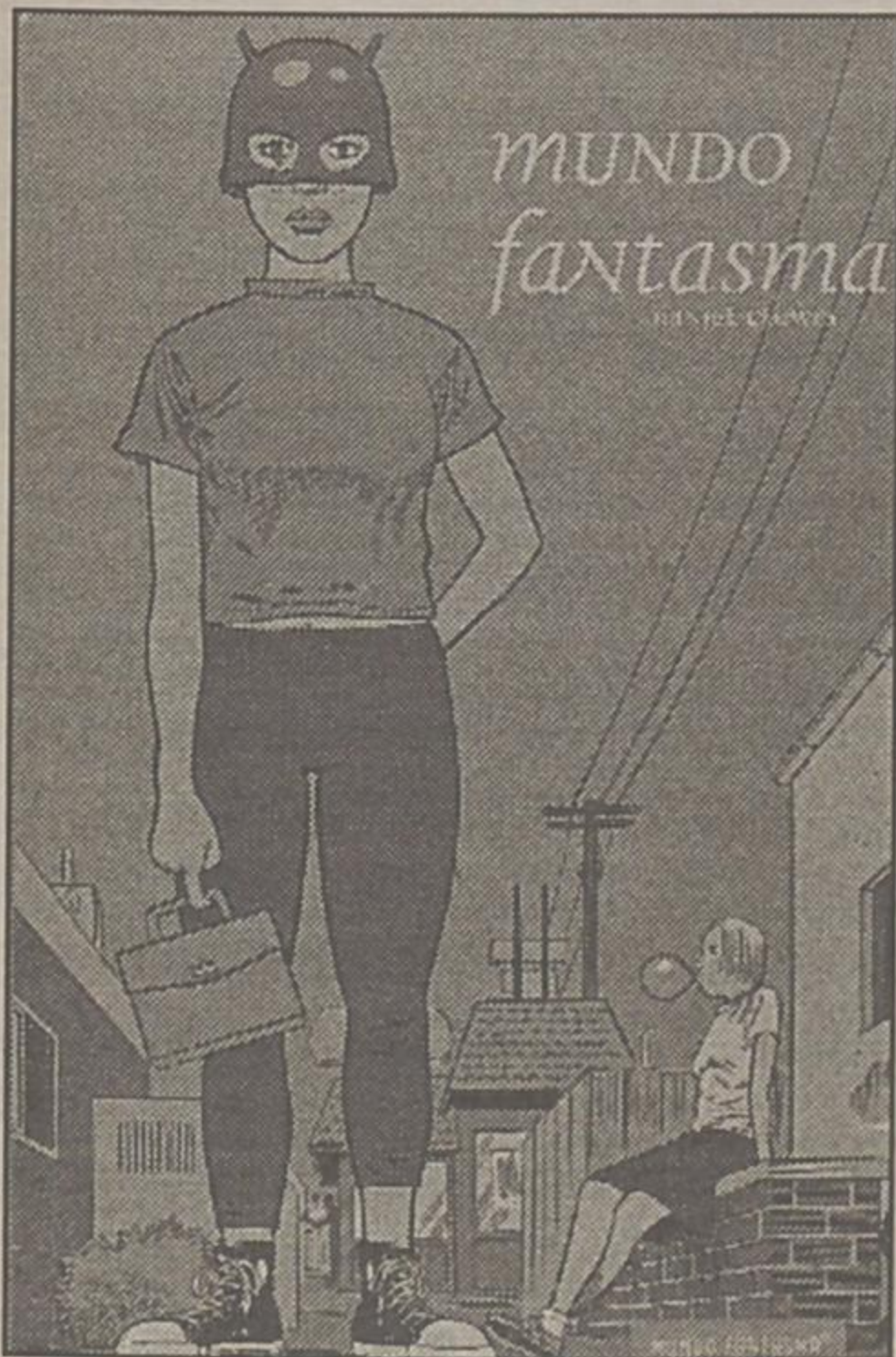
A escrita de Al Berto é difícil como difícil é a sua origem: a solidão dormente, o amor, o medo, a loucura e a morte. A cada momento dos textos vemo-nos perante o precipício, na vertigem sentida por aqueles que se mantêm do outro lado da luz, à margem de quotidianos quentes e pacíficos. Al Berto escreve a ânsia permanente do amor no meio da lama escondida nas noites subúrbias da cidade onde o cansaço prostituto e a droga-sexo prendem os pés a um chão onde cada amanhecer é mais uma morte: “há uma cidade a rebentar na humidade vertiginosa da noite e um homem com olhar de açúcar encostado ao néon melancólico das esquinas espera o próximo shoot de heroína... há uma cidade por baixo da pele e uma casa de sangue coagulado na memória atravessada por canos rotos e um corpo pingando mágoas... (...) há uma cidade de visco e de esperma ressequido e uma pastilha elástica presa ao fundo de um copo... (...) há uma cidade de papel engordurado que eu amachuço com o pânico nos dentes e todo o meu corpo sangra... treme... e tem medo... e morre”.

O amor, o desejo, a morte, a solidão, a fragmentação do corpo, o medo e a loucura são os temas que norteiam toda a escrita de Al Berto aqui presente. Sente-se nos poros a lasciva insónia – “essa ferida com cor de ferrugem, (que) festeja noctívagas alucinações sobre a pele”, o olhar a possibilidade de outro palco pela janela sem nunca daí sair, a mesmidade claustrofóbica em espiral dos dias, o cheiro nauseabundo das pensões baratas e casas de banho públicas, onde o corpo se transmuta em altar apaziguador de/da carne. Corpos sem rosto com nomes não baptizados, corpos que se imiscuem, que se dão em pequenos prazeres que adiam a espera da ternura, num abandono em jeito de morte.

“O Medo” diz os cantos que em nós habitam e em que habitamos, que confinam este corpo-desejo que olha pela janela sem sair à rua, que nos perscrutam nas insónias como bicho selvagem; corpo que abandonamos ao prazer para esquecer que faz frio em nós e no mundo.

Al Berto não sai da espiral, é prisioneiro de si mesmo, mesmo quando se endereça ao pai ou a um amigo, mesmo quando escreve a propósito de pinturas de Giotto a Andy Warhol. Há rupturas/tentativas de fuga, havendo espaço para a tranquilidade, mas essas tentativas são sempre memórias de “tardes de sol” que a chuva foi apagando e que só aumentam o desejo de abandono do corpo que começa a ficar decrépito: “Onde está a vida do homem que escreve, a vida da laranja, a vida do poema – a Vida, sem mais nada – estará aqui? Fora das muralhas da cidade? No interior do meu corpo? Ou muito longe de mim – onde sei que possuo uma outra razão... e me suicido na tentativa de me transformar em poema e poder, enfim, andar livremente”. **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Daniel Clowes

“Mundo Fantasma”

MaisBD/Devir, 2001.

10/10

Uma história sobre nada

Daniel Clowes, autor de “David Boring” e “Like a Velvet Glove Cast in Iron”, já foi apontado como o David Lynch da bd, ou como o melhor sucessor de Robert Crumb (o “pai” da bd underground americana) - este último afirmou mesmo, numa entrevista, que Clowes é actualmente o seu autor de bd favorito.

A história de “Mundo Fantasma” foi surgindo por capítulos nas páginas da revista Eightball, também da autoria de Clowes, a par de outras histórias desenvolvidas pelo autor. A compilação em livro resulta ainda melhor do que a leitura da história na (fenomenal) revista, porque permite alienarmo-nos da abundância de ideias e ironias que surgem nas outras histórias para nos concentrarmos exclusivamente no universo em que habitam Enid e Rebecca, as protagonistas. Universo que não é mais do que o mundo real, aborrecido e cáustico aos olhos de Clowes, mas do qual as duas,

e sobretudo Enid, tentam tirar o melhor partido, tornando o “nada” interessante. Porque, de facto, é disso que o livro trata: de nada. É a simples história de mais um Verão na vida das duas amiguíssimas personagens, provavelmente o último que passarão juntas, e o crescer de alguns episódios que vão acontecendo e que as irão ajudar a compreender fragmentos dos seus passados e a redefinir os seus futuros.

A par do argumento e do método narrativo genial de Clowes, surge a arte, também ela reflexo de um génio sem paralelo na área. Em perfeita concordância com o argumento, o traço limpo e a utilização de apenas uma cor - o verde - demonstram a capacidade do autor de apelar ao carácter psicológico e melancólico da bd e dos seus leitores. “Mundo Fantasma” é uma obra-prima da bd e um exemplo de como esta deve ser abordada enquanto meio de comunicação e expressão.

José Miguel Pereira

Ouve-se...



The Legendary Tiger Man

“In Cold Blood / A Sangue Frio”

Subotnick, 2004.

Exposição associada patente na loja consigo até dia 31 de Dezembro.

8/10

Lendário, ele? Porquê?

Legendary Tiger Man (LTM) diz borrifar-se para o Natal. Ora, em época pré-natalícia decide, para contrariar, vestir-se de Pai Natal e distribuir-se em fotografias, textos, rodela de plástico e vídeos. Objectivo: dar a conhecer-se melhor através de criações desenvolvidas a partir do seu imaginário por sensibilidades de diferentes esferas artísticas.

Do saco vermelho-sangue, tire-se, por momentos, apenas a rodela – um álbum de remisturas de temas incluídos em “Fuck Christmas I Got The Blues” (2003) assinadas por gente como Pedro Renato, Stealing Orchestra, Plaza, entre outros. O conceito de releitura dos blues à luz das electrónicas não é novo, mas aplauda-se o feito de haver aqui tanta coisa boa, variada e que em nada trai a música de LTM. Por entre ataques industriais a ler apontamentos-Kraftwerk (“Your Life is A Lie” pelo projecto Wip), trips à Tricky (“Love Train Volstad Mix”), batidas hip-hop (“LTM Mix” por D-Mars), lounge-veludo (“Love Train Bullet Torch Mix”) e desbundas electro-rock (“Crawdad Hole X-Wife Mix”), lá estão sempre os blues.

Tarefa quase impossível: não ver imagens despontar aquando da escuta do disco. Estas que esboçavam, nos álbuns de originais, a tensão, a morte e o desejo (fetiches no mundo de LTM), alcançam aqui um sentido mais amplo. Daí podermos ver neste disco algo mais do que uma mera colecção de remisturas. É possível, aliás, imaginar serpentes, anjos, mulheres nuas e homens-tigre-feitos-touros em danças pouco triviais, num deserto travestido de discoteca ou de bar manhoso.

Se dúvidas restam sobre a singularidade de Tiger Man, estas poder-se-ão dissipar curiosamente aquando da audição de um álbum que aparentemente não é seu. Por detrás de tudo o que possa reformular o seu orbe, continua a existir imenso de si. E a isto só se pode chamar personalidade forte. **Tiago Pereira Carvalho**



Xiu Xiu

“Fabulous Muscles”

SRC/ Kill Rock Stars, 2004

7/10

O epílogo do desejo ou o desejado epílogo

Um aviso à entrada: o mundo dos Xiu Xiu não é necessariamente um que gostariam de visitar frequentemente, mas o fascínio pela disfuncionalidade da banda californiana (S.José,... exacto, a da falha) obriga-nos a percorrer o seu território desconfortável, nos limites do horrífico e do patético, do romântico e do estridente.

Formados em 1998, muito provavelmente depois de uma matiné inspiradora com o filme chinês ‘Xiu Xiu, the sent down girl’, filme centrado na revolução cultural chinesa)- não, a sério, foi mesmo este filme que inspirou o nome da banda; um bocadinho mais de respeito pela investigação jornalística-, e liderados pelo carismático (os vocalistas serão sempre ‘carismáticos’) Jamie Stuart, a banda norte-americana actuou recentemente no nosso país. Uma pequena visita-choque à galeria ZDB em Lisboa, onde exibiram o seu ‘mais acessível até à data’ (??), ‘Fabulous Muscles’- “o definitivo álbum conceptual dos Xiu Xiu”, diria Stewart entre risos numa recente entrevista. Em palco, os Xiu Xiu são explosivos, provocadores, inovadores; em registo discográfico são o equivalente musical de Todd Solondz, a subversão ao serviço dos mais altos propósitos artísticos.

Escolhendo estruturas atípicas, a sua música está carregada d densidade e caos, nunca sucumbindo a essa bivalência, antes balanceando-se entre a melodia e uma certa energia implosiva, entre o rock experimental e a synth-pop ou o minimalismo electrónico de baixa resolução- o ruído, claro; a voz, em sibilos obsessivos ou em gritos profundos, acomoda tudo numa certa elegância e contenção.

As letras revelam por fim a genial ironia de Stewart- todas as famílias são disfuncionais, todo o humor é negro, todo o sexo é violento (“Cremate me after you come on my lips, honey boy/ Keep my ashes in a vase beneath your workout bench”) e todo o romantismo é ora cínico, ora desesperado (“I can stop hating my own heart/ I can do it because of you”, suspira Jamie em ‘Little Panda McElroy’). A paródia e o teatralismo rasca ao serviço da pop numa opereta ostensivamente “inconvenicional”. **Henrique Costa**



Outros rumos...

Por Claudio Vaz e José Camacho (texto) e Claudio Vaz (fotografia)

outrosrumos.acabra.net

Molelos

Galrar na fusarca

Cardenhos feitos de madeira e bascunço que se misturam com habitações sanofas de cimbres e azulejos. Plantações de cascosas e diospiros nos quintais com árvores a oferecer o fruto do lado de fora dos muros aos viajantes que por ali passam. Ruas de terrancosa batida ao som de gazulos e penosas ao longe. Um moreador que leva a sua chega contemplativa na carroçaria. Um rebanho de bérreas que é guiado de volta para o cardenho por ou-

tro tractor que buzina para elas virarem à direita no cruzamento. Pedagos de um quotidiano que ganham tons áureos pelo girado pôr-do-malheiro serrano. E de cores se faz Molelos. A loiça preta, orgulho e identificação local, que é feita de massa burra e cozida ao ponto da peça ficar negra e metalizada. Uma das histórias mais curiosas da loiça preta remonta ao tempo dos mouros quando andavam pela região e os oleiros locais, para gozar com eles quando quisessem zular, faziam canavarras que não vertiam práusia por causa de um mecanismo interno que apenas os oleiros e o povo local conheciam. É tudeiro uma questão de saber tapar buracos. Hoje o moreio com a loiça preta conta com cerca de onze oleiros que produzem o artesanato combinando as sano-

fas tecnologias e o augaciar tradicional. E de imaginação também se faz Molelos, outros artistas entram também na história: os arguinos. Perdido na memória do tempo, um grupo destes lhedos criou um galrar próprio entre eles para que pessoas estranhas não pudessem entender o galramento. Tal como o leitor não deve atiscar o artigo até agora. O resultado é um dialecto que inventou falas e palavras e deu novos significados a outras, que se perpetua em registo oral. Quem fica com um granjoeiro sorriso amarelo é o ouvinte, quantas vezes objecto de fusarca por parte destes arguinos. Isto não é galramento puro, é apenas uma fusarca com base em vocabulário já recolhido. Para atiscar o que galra toda a estória, visite outrosrumos.acabra.net.



Kimmo em experiências

O virtuoso e inovador acordeonista finlandês Kimmo Pohjonen actua hoje em Coimbra. Um grande espectáculo em perspectiva no TAGV

Tiago Pimentel

Um ano depois de ter actuado no festival Sons em Trânsito, Kimmo Pohjonen está de regresso a Portugal para três concertos. A sua actuação em 2003 foi considerada pela imprensa como uma das melhores do ano, pelo que as expectativas para hoje são naturalmente elevadas. Em palco, o acordeão de Pohjonen vai estar acompanhado pelo islandês Samuli Kosminen (dos Múm), encarregado dos 'samples' e percussão. Este projecto a dois intitula-se "Kluster",


tendo já um álbum editado, datado de 2002. Segundo afirmou Pohjonen ao "Y", "são dois músicos em palco e o Samuli mistura sons do meu acordeão e da minha voz e faz 'live loops' e percussões. Eu improviso e faço melodias". Num espectáculo de contrastes, a melodia do acordeão de Pohjonen é, simultaneamente, o ponto de partida e o expoente máximo de uma viagem de experimentação futurista. Em conjunto, o tradicional e o inovador, a calma e a agitação, o orquestrado e o (totalmente) improvisado. A música de Kimmo Pohjonen tem como matriz inspiradora um pouco de tudo o que o rodeia. Para o artista, "tudo o que aconteceu na História está nos nossos genes" - deste modo se explica a relação umbilical com o seu país, a Finlândia. As "intermináveis guerras", o "lado trágico muito forte" ou a "mitologia muito negra" são influências assumidas. Kimmo Pohjo-

nen compara o seu processo criativo a uma procura incessante, de que resultam produções surpreendentes. Como o próprio sintetiza, "todos os dias encontro uma coisa nova". A entrega de Pohjonen ao seu instrumento é, ao mesmo tempo, arrebatadora e arriscada (no ano passado terminou com uma entorse no tornozelo). A relação física que o artista e o acordeão estabelecem leva-os a correr, a dançar, a lutar, numa espiral crescente de irreverência e terrorismo sónico e deslumbrante. O espectáculo do acordeonista finlandês é uma experiência extrema, que o próprio tenta justificar com a situação geográfica: "A Finlândia e Portugal são países nos extremos da Europa e isso cria disponibilidade para experiências extremas". O principal objectivo de Kimmo Pohjonen reside, segundo afirma, em "levar a audiência a mergulhar" consigo, porque "nunca se sabe o que se pode encontrar".

Da Finlândia para o Mundo

Kimmo Pohjonen goza de um enorme respeito e prestígio na Finlândia, fruto da sua imaginação excepcional e técnica apurada. Nascido em 1964, começou a tocar acordeão aos oito anos de idade, incitado pelo pai, também acordeonista. Entre 1980 e 1985 estudou música clássica no Conservatório de Helsínquia. De 1985 a 1996 frequentou os departamentos de música clássica e de música popular da Academia Sibelius, uma das mais reputadas do Mundo, onde foi também professor de acordeão. Após este período, obteve uma bolsa de estudo que o levou até à Tanzânia, tendo-se dedicado ao estudo de mbira, um piano tradicional africano que se toca com os polegares, numa fase em que não encontrava novas formas de se expressar utilizando o acordeão. Daí, partiu para a Argentina, dedicando-se ao estudo do bandoneón. Deu aulas de acor-

deão na Finlândia e também nos Estados Unidos, Suécia, Dinamarca e Holanda. A partir de 1996 enveredou numa carreira a solo, com o projecto de um acordeão com cinco teclados, integrando composições originais com loops e efeitos ao vivo, numa performance de palco dinâmica, luzes orquestradas e som surround. Este seu espectáculo mereceu críticas bastante positivas, levando-o a actuar por toda a Europa, América do Norte e do Sul, Israel, Rússia e Japão. Os projectos mais recentes de Kimmo Pohjonen incluem, para além da colaboração com Samuli Kosminen no duo Kluster, a actuação com os Kronos Quartet, ou com Pat Mastrellotto e Trey Jun, dos King Crimson. Em 2002 criou, com a artista multimédia Marita Liulia, o projecto Manipulator cujas actuações, sempre baseadas na improvisação, chegavam a atingir as seis horas consecutivas.




Praça da Agonia

De 2ª a 6ª, o galo canta as 10 horas nos 107.9FM...

É o despertar na Rádio Universidade Com as gordas dos jornais, o disco da semana, propostas culturais e o destaque do dia RUC

www.ruc.pt



manhamanha@ruc.pt